

# BOLETIM

Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae  
São Paulo - Setor de Publicações - Ano VII nº 28 - Nov / Dez de 1998

SEDES

## INFORME PARA O BOLETIM

Atendendo ao pedido do *Boletim*, disponho-me novamente a fazer circular algumas notícias relativas à direção do Instituto Sedes Sapientiae à medida que venho desenvolvendo atividades nessa instância. Creio oportuno lembrar que a gestão atual está em exercício de suas funções desde fevereiro de 1998 e se estenderá até o mesmo mês do ano 2001; trata-se portanto de um início de caminho e ao mesmo tempo os assuntos dos quais vem tratando são relativos à continuidade do Projeto Sedes. A continuidade do processo diz respeito à atualização de seus rumos mais consonantes à sociedade contemporânea e à manutenção da integridade de seus princípios e também a independência de suas ações. Não é, portanto, uma tarefa que se esgote em uma gestão, entretanto, todos os passos dados se encaminham para essa finalidade.

É nesse contexto que a inclusão dos Departamentos – efetivada na gestão anterior –, inclusão orgânica dos mesmos como integrantes do Sedes, trouxe algumas consequências para o modo de funcionamento dos Departamentos em geral o que produziu alguns desdobramentos no nosso Departamento em particular. Entre essas consequências, as mudanças relativas aos pagamentos das anuidades e outros pagamentos – de atividades, seminários, eventos e etc. que passaram todas para o controle da Tesouraria do Instituto, prática já comum em todas as outras áreas do Sedes, e à qual os Departamentos estão se adequando tendo sido respeitadas suas especificidades. Atual-

mente todos os Departamentos já estão trabalhando dentro dessa nova prática administrativa, cuja finalidade é a de possibilitar maior transparência e articulação entre os diversos setores do Sedes.

Correlativamente, na área de Formação do Sedes, da qual fazem parte os Cursos de Especialização, Aperfeiçoamento e Expansão Cultural, vêm ocorrendo estudos e discussões visando a uma articulação mais consequente dos mesmos com uma Política de Formação atual. **QUAL**

Todos esses esforços se encaminham na direção da afirmação do Sedes como instituição propositiva no campo social, através de seus cursos, projetos de pesquisa, serviços já tradicionais tais como a Clínica e outros que o trabalho por um projeto de transformação social vier a criar.

A visibilidade do Sedes também tem sido objeto de encaminhamentos por parte da diretoria e um dos procedimentos adotados foi a contratação de uma empresa especializada na área de Comunicação que já iniciou a implantação de um processo para a reformulação da imagem do Sedes, tanto em termos visuais quanto em relação à inserção de notícias em diversos veículos de divulgação.

Esperando estar contribuindo com estas informações para uma efetiva participação dos membros do Departamento de Psicanálise nos projetos atuais no Instituto Sedes Sapientiae, agradeço o espaço que foi oferecido pelo *Boletim*.

Maria de Fátima Vicente

## EDITORIAL

Este número do *Boletim* corresponde aos meses de novembro e dezembro de 1998, em cuja ocasião o texto recebido em março de 99. Teríamos preferido evitar o atraso mas, uma vez ocorrido, ele nos dá a oportunidade de ver à maior distância a produção da parte período.

No Departamento, essa produção é fortemente marcada pelo vigor de instituições como o Instituto do Conselho de Administração, uma reflexão do Setor Grupo de Estudos, os dez anos de *Avances*, o I Colóquio Interno do Curso de Psicanálise, o seminário "O feminino no imaginário cultural do nosso tempo, efeitos nas formações clínicas", a presença marcante do grupo "Psicanálise e complexidade" no "Congresso inter-língua do pensamento complexo" e os contos infantis escritos por Darcy Duarte.

Minis Laurinda Souza nos convenceu para pensarmos sobre as influências do novo(0) milênio em nossas crianças.

Sob o signo das mudanças necessárias, tanto o Sedes quanto o Departamento de Psicanálise, através da Diretoria e do Conselho Coordenador respectivamente, propõem novas formas de gestão e visibilidade social, dando curso a inúmeras discussões a esse respeito que vêm ocorrendo em diversas instâncias do Instituto.

Uma nova forma de gestão para o Departamento, é esse o tema da jornada que se realizará no final de março. Cumprindo sua função de ajudar no incremento dos debates, o *Boletim* fará uma edição extra, veiculando contribuições para as discussões desse dia.

Após tal jornada e Assembleia para a eleição de um novo grupo de coordenação, lançada para abril, faremos um número especial do *Boletim* onde pretendemos cobrir amplamente tais eventos e os rumos estabelecidos. Para isso, desde já, convidamos para uma vez todos aqueles que quiserem compartilhar e registrar suas reflexões para que tenham seu texto, sempre em disquete, até dia 14 de maio.

Nesse mesmo *Boletim* estaremos comemorando a sua 30ª edição publicada e dando por encerradas as atividades desse grupo neste período. Filtramos um pouco da história do trabalho que vem sendo feito, desde nossos primeiros discursos, através da necessidade da criação de um veículo de informação e debates no Departamento, que culminaram na edição número 1, em julho de 1990, e da substituição de uma vez tendo sido instituído esse espaço (e cremos que bem), passamos a considerá-lo de sua produção para os próximos.

Maria de Lourdes Calero Costa

Preocupado com as relações Sedes-mídia, o Núcleo de Departamentos deteve-se em pesquisar alguns canais possíveis de veiculação de nossos trabalhos, assim como os sentidos gerais que essas comunicações deveriam assumir. De início, isso no segundo semestre de 97, notou a ausência dos departamentos na home-page do Instituto Sedes Sapientiae. Contacto feito com o profissional responsável do CPD, cada departamento teria então um determinado espaço para estar se apresentando.

No que se refere ao Departamento de Psicanálise, eu e Maria requerimos esse material à CCG que, por sua vez, solicitou-me encaminhá-lo pois naquele momento eu era quem estava mais envolvida nesse trabalho. Escrevi a página que se segue e solicitei, via este *Boletim*, contribuições, uma vez que sua veiculação se torna mais interessante quando periodicamente atualizada. Mas esse material não foi mais mexido.

Teremos agora no dia 28 de novembro uma assembléia que possivelmente opte por diferente configuração de nosso Departamento e, de qualquer forma, mudanças já ocorreram que precisam ser aqui incluídas.

Assim, solicito que cada grupo estabelecido se apresente, num texto de quatro a cinco linhas, para que eu ou qualquer outro que se interesse, o que seria muito bem vindo, proceda à atualização do que se segue.

O Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae, constituído no ano de 1985, foi concebido como um espaço no qual um grupo de psicanalistas, preocupados com a produção no âmbito da psicanálise, concordar-

tes com os princípios fundamentais que regem a instituição Sedes, se refinem a fim de trocar idéias que enriquecem a sua formação teórica e revertem em benefício de sua prática clínica, bem como, ampliar e fomentar diversos campos de atuação que lhe são concernentes.

É assim que, atualmente, contamos com os seguintes grupos de trabalho:

1. Setor de Publicações: produz *Boletim* e *Percursos*. O primeiro é uma publicação interna, bimestral, que, em seu 20º número, cuida da informação e discussão das atividades do Departamento assim como a de seus membros. *Percursos*, revista de Psicanálise, com periodicidade semestral e no momento confeccionando seu vigésimo número, tem sido importante veículo de debates e produção de idéias no campo psicanalítico. Com marcas bastante próprias, conta com a participação de psicanalistas do Departamento e de fora.

2. Setor Grupos de Estudos: dedica-se ao ensino de psicanálise em cidades fora de São Paulo mantendo simultaneamente uma organização interna que privilegia a formação permanente de seus membros.

3. Seminários internos: grupos de estudos, no Sedes, para membros do Departamento e outros interessados, que se desenvolvem a partir de temas propostos por alguns psicanalistas do próprio Departamento.

4. Grupos de Eventos: atualmente esses grupos se organizam temporariamente para realização de eventos tais como palestras, seminários clínicos e teóricos. Este ano já temos pautada a vinda de Claude Le Guen no mês de agosto e um grupo trabalhando nisso.

5. O Setor de Saúde Mental tem se destacado durante esses dez anos por seu trabalho vinculado à rede pública de saúde mental (supervisão de equipes de profissionais da saúde). Com a perda de espaço proveniente das últimas gestões da prefeitura de São Paulo e outros municípios, esse grupo tem se dedicado à reflexão de suas práticas e busca de novas frentes de atuação.

6. Espaço de Trabalho: um grupo que promove debates clínicos mensais com a apresentação do trabalho clínico de um membro do Departamento e sua discussão com outros membros interessados.

7. Comissão de Admissão: eleita em 1997, está cuidando da entrada de novos membros no Departamento, não necessariamente egressos do Curso oferecido pelo próprio Departamento, e de acordo com requisitos elaborados durante os últimos dois anos.

8. Curso de Psicanálise: com duração de quatro anos, vigente desde 1976, tem por objetivo transmitir a psicanálise e formar psicanalistas a partir de uma leitura crítica sistemática da obra freudiana. Surgiu como um espaço alternativo à Sociedade Brasileira de Psicanálise e hoje tem um percurso de relevância no panorama brasileiro de psicanálise.

9. Comissão Coordenadora Geral: eleita a cada dois anos, formada por um representante de cada grupo e mais três membros autônomos, este grupo, atento às demandas externas ao Departamento e às diversas questões internas, trabalha na orquestração e pela intensificação das inúmeras atividades acima descritas, de acordo com os princípios e finalidades do próprio Departamento e do Instituto Sedes.

Maria de Lourdes Caleiro Costa

## PONTO DE VISTA

Convocando a assembléia de membros do Departamento, a CCG não só cumpria, no dia 28 de novembro último, com compromisso assumido desde a sua eleição, mas também apresentou determinadas análises e pro-

postas. Estas resultaram das vicissitudes da própria coordenação, assinaladas juntamente com sua formulação, em texto distribuído aos presentes e lido por Maria Lúcia Calderoni no início dos trabalhos. O *Boletim* apresenta o na íntegra, segui-

do de informe sucinto sobre a realização da assembléia.

Tudo leva a crer que há um novo tempo no Departamento, cuja linguagem terá, nas próximas Jornadas, oportunidade para se iniciar.

Camila Salles Gonçalves

# COMISSÃO COORDENADORA GERAL

## INFORME SOBRE A SITUAÇÃO DA ADMINISTRAÇÃO FINANCEIRA DO DEPARTAMENTO

Como todos já foram informados, desde o ano passado a Comissão Coordenadora Geral (C.C.G) tem usado uma conta bancária em nome da Sociedade Civil Percurso para movimentar o dinheiro do Departamento.

Em meados deste ano, a CCG foi chamada pela diretoria do Instituto Sedes para discutir uma nova forma de administração financeira para os Departamentos. A proposta recebida por esta Comissão foi a de que o dinheiro do Departamento de Psicanálise fosse passado para a conta do Departamento de Psicanálise no Banco do Brasil (BB) já existente e gerenciado pela tesoureira do Instituto (Malú). Desta forma, a Diretoria entende que seriam evitados alguns inci-

dentos e incômodos para o Departamento e garantiria um maior controle das entradas e saídas dos recursos financeiros que dizem respeito ao Instituto e são de sua responsabilidade fiscal e jurídica.

Esta Comissão manteve uma negociação com a Diretoria Administrativa do Instituto com o objetivo de encontrar fórmulas que, dentro desta nova disposição, não comprometessem autonomia do Departamento.

Sendo assim, depois de entendermos como pertinente e adequada a proposta recebida, já iniciamos a passagem dos recursos do Departamento para a conta do Banco do Brasil.

A partir do ano de 1999 todos os depósitos e retiradas serão feitos nesta

conta do Departamento no Banco do Brasil. Os integrantes da CCG serão os responsáveis pela política financeira do Departamento e pelas decisões sobre a movimentação da conta junto à tesouraria do Instituto. Até o final de 1998, a nossa conta bancária em nome da Sociedade Civil Percurso continuará aberta com a finalidade de receber algumas anuidades e fazer alguns pagamentos referentes a este ano.

Maiores esclarecimentos serão feitos no decorrer do tempo e conforme as necessidades.

Estamos disponíveis para qualquer esclarecimento.

Comissão Coordenadora Geral  
Gestão 97 / 98

## ASSEMBLÉIA 28/NOVEMBRO/1998

Prendemos levantar alguns pontos para a reflexão conjunta nesta Assembléia, com o objetivo principal de por em pauta o modo de gestão do Departamento.

Desde a sua fundação, o Departamento de Psicanálise esteve organizado em setores *esta organização é + conveniente*

Porém, passados mais de 12 anos da formulação de seu primeiro regimento interno, outro panorama se anuncia. Têm surgido, cada vez mais, grupos de trabalho não setorializados que vêm integrando variadas atividades departamentais. A quantidade e diversidade de grupos, propostas e trabalhos vem aumentando em quanto a forma de organização em setores oficialmente constituídos vem claramente se esvaziando.

Outra mudança importante que também tem se apresentado é a de uma nova relação com o Sedes e com os outros Departamentos. O reconhecimento formal dos departamentos têm implicado, por um lado, em novas exigências por parte do Instituto e, por outro, em demandas inter e intra departamentais de crescente complexidade. Por exemplo, temos sido chamados a participar de instâncias criadas pelo Instituto tais como o Núcleo de Departamentos, o Núcleo de

Cursos, entre outros.

Em relação à forma de organização, cabe inicialmente lembrar que conforme o regimento interno de 85, o Departamento tinha a seguinte estrutura:

1. Setor Curso
2. Setor Grupo de Estudos
3. Setor Publicações
4. Setor Clínica
5. Setor Saúde Mental e Instituições
6. Setor Eventos

Porém, hoje existem cada vez menos setores atuantes: na realidade, os únicos setores de fato em funcionamento são o Setor Curso, o Setor Grupo de Estudos e o Setor Publicações, ainda que na prática este último seja constituído por dois grupos autônomos, Boletim e Percurso e o primeiro (o Setor Curso) não incluía dois cursos atualmente existentes no Departamento, "Clínica Psicanalítica - Conflito e Sintoma" e "Psicopatologia Psicanalítica e Clínica Contemporânea".

Alguns setores encontram-se esvaziados: estamos nos referindo ao Setor Clínica e ao Setor Saúde Mental e Instituições. O Setor Clínica está há muito tempo 'desocupado', ainda que tenha existido entre 92 e 96 um grupo de traba-

lho conhecido como 'Grupo Clínica', que encerrou suas atividades há aproximadamente dois anos. No caso do Setor Saúde Mental e Instituições, houve um esvaziamento resultante do término dos contratos de trabalho com o setor público. Talvez se possa dizer que o que ainda permanece em atividade deste setor é o curso 'Psicopatologia Psicanalítica e Clínica Contemporânea' já referido.

Como é do conhecimento de todos, faz tempo que o Setor Eventos foi extinto, o que tem significado uma sobrecarga de trabalho para as C.C.G.s a cada evento realizado.

Por outro lado, existem vários grupos independentes dos setores; de fato, hoje, grande parte das atividades em curso no Departamento ocorre de forma não setorializada; são eles:

• Grupo Espaço de Trabalho, que com a proposta de encontro denominada 'Inquietações da Clínica Cotidiana' tem promovido discussões clínico - teóricas mensais;

• Cursos de aperfeiçoamento que integram a programação do Instituto Sedes: cursos 'Clínica Psicanalítica - Conflito e Sintoma' e 'Psicopatologia Psicanalítica e Clínica Contemporânea', que recebem alunos recém formados e profissionais de

## COMISSÃO COORDENADORA GERAL

diferentes áreas para a discussão da Psicanálise;

· Seminários de formação continuada (ou Grupos de estudo com coordenador) – temas no momento quatro em atividade;

### 1. "Psicanálise e Filosofia"

Coordenação de Camila Salles Gonçalves;

### 2. "O Feminino - Imaginário Cultural de nosso tempo, efeitos na Clínica"

Coordenação de Sílvia L. Alonso;

### 3. "As Conexões da Clínica - Psicanálise e Transdisciplinaridade"

Coordenação Alcimar de Souza Lima;

### 4. "Winnicott - Sua participação na História do movimento psicanalítico e a especificidade teórica e clínica de sua contribuição"

Coordenação M<sup>re</sup> Laurinda Ribeiro de Souza;

e outros tem se proposto ao longo dos últimos dois anos;

· Comissão de Admissão, que o ano passado deu início ao processo de abertura do Departamento e à desvinculação do processo de entrada de novos membros da seleção do Curso de Psicanálise;

· Grupo do Adendo, que hoje traz notícias da conclusão de seu trabalho.

Também existem agrupamentos formados mais recentemente, como é o caso dos membros interessados em formar um núcleo de pesquisas, além da formação de grupos provisórios para realização de diversos eventos e trabalhos.

Assinalamos que o modo de vinculação de todos esses grupos com o Departamento vem sendo objeto de discussão na C.C.G., mas a questão permanece aberta.

Em suma, o modo de organização do Departamento tal como consta no regimento interno e, principalmente, a forma atual de gestão - em forma de representação de setores - não corresponde mais à nossa realidade em pelo menos dois aspectos fundamentais: 1) a fragilidade da função de representação dos setores oficialmente existentes tal como vem ocorrendo; 2) a não representação de diversos agrupamentos não setorizados. Como consequência vivemos uma desarticulação que tem acarretado dificuldades na função representativa da C.C.G., inclu-

sive na relação do Departamento com o Instituto.

Abordando agora, especificamente, o modo de funcionamento desta Comissão Coordenadora Geral (COG), cumpre notar que sua gestão foi marcada pela sobrecarga na realização de suas atribuições agravada por duas ordens de problemas: a ausência prolongada ou permanência entrecortada dos representantes do Setor Curso e da Comissão de Admissão e alterações importantes na administração financeira do Departamento.

Com efeito, apesar de instaurado e referendado em Assembleia, um representante da Comissão de Admissão integrou esta C.C.G. apenas por um breve período e o representante do Setor Curso, que iniciou sua participação somente na última reunião de 97, encontra-se afastado por motivo de doença há algum tempo.

Quanto à administração financeira, no início da atual gestão, a C.C.G. decidiu gerir o dinheiro do Departamento de forma a dispensar o tesoureiro de arcar com a responsabilidade de uma conta bancária em nome pessoal. Para tanto, utilizou uma conta aberta em nome da Sociedade Civil Percurso, que gentilmente se dispôs a cooperar, possibilitando a utilização de uma conta-corrente separada da movimentação financeira da revista. Os desdobramentos desta situação encontram-se explicitados em informe anexo.

Enfim, a partir desta breve análise da situação atual do Departamento, propomos:

· que iniciemos hoje a discussão sobre uma nova forma de gestão para o Departamento, a partir de algumas sugestões feitas por esta C.C.G., discussão a ser continuada e concluída em uma Jornada Interna marcada para ocorrer em 03/99;

· que quaisquer outras propostas sobre o tema sejam apresentadas nesta Assembleia e/ou enviadas por escrito à C.C.G. para subsidiar a preparação dos trabalhos de 03/99;

· que ao final da referida jornada, uma nova C.C.G. seja eleita com base na forma de gestão aprovada;

· que sejam escolhidos nesta Assembleia representantes do Setor Curso e da Comissão de Admissão para integrarem a atual C.C.G. com a finalidade exclusiva de auxiliarem na preparação da jorna-

da proposta; seria uma espécie de 'mandato tampão' válido de 12/98 a 03/99;

· que, também para o mesmo período de 'mandato tampão', seja ratificada a passagem da representação da Percurso de Rúbia Mara Nascimento para Cecília Meirelles, atualmente membro autônomo da C.C.G., em função da saída de Rúbia da C.C.G. a partir de hoje;

· que, na jornada, haja espaço para discussão da produção escrita do Grupo do Adendo;

· que as discussões sobre o trabalho da Comissão de Admissão que hoje apresenta um relato de suas atividades sejam também realizadas na jornada de 03/99;

· que esta Jornada seja organizada, a priori, em dois encontros em datas a serem oportunamente divulgadas e que seriam provavelmente dois sábados no mês de 03/99.

· que outros informes, temas e discussões considerados importantes sejam pautados para a Jornada do início do ano que vem para que hoje possamos nos utilizar do tempo da Assembleia para a pauta inicialmente proposta.

Nossas sugestões para uma nova forma de gestão são as seguintes:

· que se formem 'chapas' para concorrer à eleição para a coordenação do Departamento a cada dois anos com base nos seguintes critérios:

a) chapa sem cargos previamente definidos;

b) chapa contendo uma percentagem significativa de representação de setores e agrupamentos reconhecidos pela C.C.G. e ratificados pelo conjunto de membros em Assembleia Geral, percentagem a ser definida pela Assembleia;

· os critérios para o reconhecimento dos grupos não setorizados (para fins de representação na C.C.G.) seriam: ter pelo menos um ano de funcionamento na data da eleição, ter o seu trabalho divulgado no Departamento e/ou em nome do Departamento, ter se utilizado de nossa mala direta para comunicação da existência do grupo e do trabalho para o conjunto de membros;

· o reconhecimento dos grupos implicaria a obrigatoriedade da participação na coordenação do Departamento, respeitada a percentagem a ser definida;

c) chapa com um no. mínimo de componentes também a ser determinado;

## COMISSÃO COORDENADORA GERAL

que a eleição seja realizada em Assembleia Geral convocada especialmente para este fim, após discussão das propostas de cada chapa inscrita;

que o grupo eleito se divida em subcomissões de trabalho responsáveis pela Tesouraria, pela Secretaria, pelos Eventos e pela representação no Instituto além de outras que considerar necessário, comunicando ao conjunto de membros em um prazo de 60 dias da eleição, quais são os responsáveis por cada área de atividade; tal subdivisão significa que caberia à C.C.G. plena (totalidade de membros) a condução política do Departamento e às subcomissões específicas, os diversos trabalhos administrativos que fazem parte das atribuições da coordenação;

que os participantes da C.C.G. sejam isentos de pagar anuidade no período de sua gestão;

que, no caso de não haver proposição de nenhuma chapa, seja convocada uma Assembleia Geral em caráter permanente que teria a função de eleger a próxima C.C.G. e/ou deliberar por novas for-

mas de gestão, caso se considere necessário.

No caso específico da eleição da próxima Comissão Coordenadora (gestão 1999/2000), reiteramos a proposta de que seja realizada ao final da jornada de 03/99, independente da forma de gestão vencedora.

Os setores e agrupamentos atualmente em atividade e reconhecidos por esta C.C.G. conforme os critérios acima arrolados são:

1. Setor Grupo de Estudo;
2. Setor Curso;
3. Cursos de Aperfeiçoamento: Clínica Psicanalítica - Conflito e Sintoma e Psicopatologia Psicanalítica e Clínica Contemporânea;
4. Percursos;
5. Boletim;
6. Grupo Espaço de Trabalho;
7. Conjunto dos Seminários de Formação Continuada (os chamados Grupos de Estudo com Coordenador);
8. Comissão de Admissão.

Na hipótese de a nova forma de gestão se dar conforme a proposta aqui

especificada, estes seriam os grupos (a serem ratificados pela Assembleia) a partir dos quais seriam compostas as chapas para a próxima gestão.

Com a expectativa de que estas idéias contribuam para as discussões ora iniciadas,

Atenciosamente:

Comissão Coordenadora Geral  
Gestão 97/98

Camila Salles Gonçalves  
Cecilia Carvalho Meirelles  
Jairo I. Golberg (em licença)  
Maria Beatriz CostaCarvalho  
Maria Lúcia de M. B. Calderoni  
Marise Bartolozzi Bastos  
Rubia Mara S. Nascimento

### INFORME DA ASSEMBLÉIA DE 28 DE NOVEMBRO DE 1998

A proposta fundamental desta assembleia foi promover uma ampla discussão sobre o modo de organização e gestão do nosso Departamento.

Para tanto, a Comissão Coordenadora Geral elaborou um documento que foi lido durante a assembleia e a partir do qual os membros do Departamento puderam iniciar a discussão das várias questões levantadas e formularam novas propostas.

O documento elaborado pela C.C.G. consta deste número do Boletim. Algumas das propostas nele contidas foram reformuladas durante a assembleia e outras se tomaram temas para uma Jornada do Departamento no próximo ano.

A partir da análise da situação atual do Departamento, a C.C.G. fez a proposta de uma **Jornada Interna** que foi ratificada, em assembleia, para **março de 1.999**.

Na Jornada serão discutidos, entre outros, os seguintes temas levantados durante os trabalhos da assembleia:

1. Representação dos setores na C.C.G.

cada setor fará um relatório sobre a representação que deverá ser apresentado durante a Jornada.

2. Política financeira do Departamento
3. Relação do Departamento de Psicanálise com o Instituto Sedes
4. Relação do Departamento com o Núcleo de Departamentos do Instituto
5. Forma de Gestão do Departamento
6. Discussão da produção escrita do Grupo de Atendimento
7. Relatório da Comissão de Admissão

Ao final da Jornada será realizada uma assembleia que votará pela nova forma de gestão do Departamento.

Já foi marcada para o mês de **abril de 1.999** uma outra assembleia que deverá **eleger a nova Comissão Coordenadora Geral (gestão 1.999/2.000)**.

Com relação ao funcionamento da atual C.C.G., foram votados os nomes de 03 membros - *Maria Develk, Maria de Fátima Vicente e Renato Mezan* - tirados em Assembleia, representativos da discussão ocorrida naquele dia, com a fina-

lidade fundamental de colaborarem na preparação da **Jornada Interna** e que farão parte da C.C.G., a partir desta data e até o final desta gestão.

Foi solicitado a todos os membros do Departamento que contribuam para a organização da Jornada, enviando para a C.C.G. sugestões de temas a serem discutidos neste trabalho.

Contamos com a colaboração de todos!

Comissão Coordenadora Geral  
Gestão 97/98

A Comissão de Admissão, eleita na Assembléia de maio de 1997, iniciou efetivamente suas atividades em agosto do mesmo ano.

Nossa tarefa consistiu, no primeiro momento, numa elaboração dos critérios e procedimentos, desde o modo de funcionamento deste Colegiado, até os detalhes do processo que nos vimos incumbidos de realizar.

Esse grupo amplo que se reuniu com esta função específica, já delineada pelo coletivo da instituição, logo se constituiu num grupo de reflexão. Questões que nos ocuparam institucionalmente, por tanto tempo, estavam ali relocalizadas: a questão do reconhecimento, do que é ser analista, de que analistas viriam a pertencer a nosso grupo e com que propostas, e, de como elaborar formas práticas de admissão.

Tínhamos como diretriz a Abertura do Departamento. Diretriz essa já enunciada no momento de sua fundação embora, durante todos estes anos, a única via de ingresso para novos membros tenha sido pelo Setor Curso.

Diante desta realidade, as discussões foram contemplando as diferenças entre a inserção num curso de Formação e a pertinência a uma associação de psicanalistas.

A partir daí, fomos depurando nossos critérios, agora concebidos para a constituição de um espaço de pertinência de pares, distinto daquele configurado pelas categorias professor-aluno, vigentes no Setor.

Relembremos alguns pontos estabelecidos na Assembléia de maio de 1997:

a. O mandato deste Colegiado tem a duração de 2 anos, coincidentes com o tempo de gestão da Comissão Coordenadora Geral, eleita no mesmo período;

b. A Comissão de Admissão fará, depois de 1 ano, uma comunicação ao coletivo, sobre o andamento dos trabalhos;

c. Os candidatos a membro passarão por uma apresentação pública.

A seguir, delineamos os procedimentos estabelecidos esclarecendo os critérios que foram elaborados até este momento.

### I. Do funcionamento do Colegiado:

a. Decidimos trabalhar com os primeiros pedidos que surgiram pelos três meses subsequentes, aprimorando os critérios a partir deles;

b. Decidimos também que novos pedidos de pertinência seriam aceitos, embora não soubessemos quando seriam processados. Atualmente, está em andamento a análise de mais 6 pedidos;

c. No momento, ficou estabelecido que, em virtude da grande quantidade de trabalho que toda a tarefa nos demandou, a análise dos novos pedidos só terá prosseguimento no primeiro semestre do próximo ano (1999).

### II. Da organização do trabalho:

a. O Colegiado dividiu-se em 3 grupos de 6 pessoas. Cada um deles ficou responsável pela análise de um certo número de pedidos;

b. Em cada pequeno grupo, os memoriais são discutidos e 2 membros deste grupo realizam cada um uma entrevista com o candidato, que depois é processada novamente neste mesmo grupo;

c. Depois disso, o grupo de 6 se encontra com todo o Colegiado para transmitir suas impressões. Essas reuniões amplas, tiveram o objetivo de estabelecer critérios mais precisos;

d. Se há consenso com relação à continuidade do processo, a apresentação pública é agendada. No caso de haver objeções ou divergências durante o processo de análise de um determinado pedido, este deverá passar por uma discussão coletiva, que reúna todos os membros do Colegiado.

### III. Procedimentos e Critérios:

a. Memorial:

A análise do memorial constitui o primeiro passo deste processo. Deve ser entregue em 6 cópias e o candidato é esclarecido de que seu memorial estará aberto à consulta pública.

A elaboração do memorial dá ao candidato, uma possibilidade de reflexão so-

bre cada momento de seu percurso como analista, incluindo este, em que pede pertinência a esta instituição.

Pensamos que esta reflexão, a história do processo de formação, com suas rupturas e alianças, idealizações e lutos, seus movimentos de aposta, podem transparecer e nos indicar a configuração particular de cada desejo de pertinência.

O memorial é um instrumento valioso, no sentido de revelar os interesses de cada candidato como psicanalista, os temas percorridos em sua trajetória, suas afinidades e seu imaginário no que diz respeito a esse coletivo, indicando as questões que serão aprofundadas em cada entrevista.

b. Entrevistas:

As entrevistas por se constituírem num espaço mais pessoal, permitem uma escuta que venha a indicar a proximidade de cada candidato com o Departamento, constituindo-se, também, numa possibilidade de esclarecimento das concepções de cada um sobre os vários aspectos relativos à formação contínua de um analista.

É, portanto, um momento de explicitação do processo de tornar-se analista, onde cada um dos momentos da escolha, tanto da inserção em espaços de trabalho, quanto da investigação de temas teóricos ou clínicos, podem ser mais aprofundados através desta etapa de interlocução com membros do coletivo ao qual se deseja pertencer.

Estas entrevistas também pretendem identificar os projetos que cada candidato deseja desenvolver no Departamento: se quer se inserir nos setores em funcionamento, se quer desenvolver pesquisas, se o que pretende é a interlocução para seu trabalho teórico ou clínico, ou se deseja propor novos projetos para o mesmo.

c. Apresentação Pública:

O procedimento da apresentação pública, num primeiro momento, não encontrou consenso entre os membros do Colegiado, embora se tratasse de decisão de Assembléia, defendida em função da transparência do processo. Discutia-se a questão da tensão e da persecutoriedade que, em certo nível sempre se faz presente quando se trata de apresentações ao público.

## COMISSÃO DE ADMISSÃO

Apesar dessas discordâncias a decisão foi mantida e, na prática, revelou-se um espaço fecundo de troca e reconhecimento entre pares.

A apresentação pública se reafirmou, então, para nós, como um procedimento que legitima a entrada de um membro no Departamento. Por um lado, constitui-se na forma pela qual o candidato apresenta seu pensamento e seu trabalho para a comunidade. Por outro, constitui-se na via pela qual o coletivo o reconhece e avalia no sentido de sua pertinência a este Departamento.

Nesta forma de proceder, o próprio Departamento amplia seus espaços de reconhecimento e de transparência com respeito às diferentes modalidades do pensamento e do fazer analítico que o constituem. Resgata-se assim, um dos objetivos desta Abertura que era, também, o de uma "abertura para dentro".

### OBSERVAÇÕES:

1. No percurso deste trabalho surgiram três situações consideradas, por nós, como de exceção. Tratava-se de pessoas que, no momento em que a decisão do novo procedimento foi tomado, já esta-

*excessão*

## DOS SETORES

### GRUPO DE ESTUDOS / O QUE NOS MOVE ?

Que momento institucional interessante vivemos!

Após 13 anos de sua fundação, o Departamento dá prosseguimento ao projeto inicial, através da abertura para o ingresso de analistas formados em outras paragens.

Isso nos inspirou a pensar na nossa origem, talvez como uma forma de nos apresentarmos a esses novos colegas.

Quando esse Setor se instituiu, lá pelos idos de 1985, mal sabíamos da amplitude das implicações em nossa trajetória e que estaríamos também nós envolvidos com aqueles das outras paragens.

O Setor Grupo de Estudos tem existência estatutária. Sondado desde os inícios como o lugar, poderíamos dizê-lo, privilegiado de formação permanente, fomos impelidos desde o ponto de interlocução com nossos formadores e

viam participando de um processo de seleção e incorporação em diferentes setores, de acordo com o antigo modelo de inserção.

Tivemos, então, que elaborar critérios excepcionais que contemplassem as dificuldades dessa passagem de um modelo ao outro. Decidimos manter, para essas pessoas, o pedido do memorial e das entrevistas e dispensá-las da apresentação pública, uma vez que se entendeu que os objetivos que a fundamentam já estavam sendo processados no coletivo dos setores em que desejavam se inserir.

2. Um dos membros deste Colegiado - Renato Mezari - comunicou seu afastamento a partir do segundo semestre de 1998. Entendemos que esta saída deve ser comunicada à Assembléia já que a composição desta comissão foi uma decisão da mesma.

### PROPOSTAS:

1. A entrada de novos membros recoloca uma questão já bastante discutida anteriormente mas que, agora, ganha destaque: há necessidade de se definir, mais claramente, critérios coletivos para a ocupação de determinadas funções

*o p. 22 / novo membros po de fazer parte da CCB?*

dentro do Departamento. Pensamos, por exemplo, na inserção na Comissão Coordenadora Geral, na Comissão de Admissão, nas representações que se faz para fora do próprio Departamento, etc.

Reconhecemos que os próprios setores já tem organizado mecanismos próprios de funcionamento com relação a isso. No entanto, nem sempre eles são publicamente explicitados e, às vezes, trata-se de funções que não estão diretamente vinculadas aos setores.

2. Seria conveniente delimitar um número possível de pedidos de entrada, de forma que tanto o Departamento quanto os que nele ingressam possam ter um período de integração e, também, para que o próprio Colegiado tenha um tempo adequado para processar esses pedidos.

3. Passado mais de um ano deste novo procedimento, sugerimos, ainda, que a Comissão Coordenadora Geral reveja a lista dos membros deste Departamento no sentido de se verificar a situação da pertinência de seus membros quer estejam ou não atuando nos diferentes grupos de trabalho. Pensamos que este é um dado importante a ser considerado no prosseguimento de nossas discussões.

Comissão de Admissão

Ao transmitirmos conhecimento, reindagando - nos sobre o arcabouço teórico de nossa referência.

Ao discutirmos a clínica com os interessados, nos debruçamos sobre a nossa própria prática e as inquietações que nos movem no sentido de apreender e dar conta do sofrimento psíquico.

Quando temos que nos apresentar e dar a conhecer diante do estrangeiro, não escapamos do enfrentamento com os percalços da filiação à qual estamos remetidos.

É nesse engendramento plurideterminado que vemos, a cada novo projeto, a cada novo trabalho, reemergir e constituir-se os analistas que somos.

Setor Grupo de Estudos

Agradeço aos colegas do Conselho Editorial o convite que me fizeram para falar sobre um momento da história da revista *Percurso*: o momento dos começos.

Por que falar do momento dos começos? No primeiro artigo do nº 1 da revista Mário Fuchs escreve: «Os mitos de origem parecem cumprir uma função simbólica importante em todos os momentos que adquirem uma dimensão subjetiva fundante. Os momentos nos quais a história vem à tona, para que não venha «lá toa», para que sirva como instrumento para entender os sintomas do presente, e pensar o futuro, se faz necessário um trabalho de contextualização».

Era o ano de 1987, dez anos haviam se passado desde que um projeto de formação de psicanalistas, na forma de um curso, começara a existir no Instituto Sedes. Ao longo desses dez anos o curso ganhara consistência, no entanto seus limites haviam sido transbordados pelos próprios acontecimentos. Um grupo de colegas, através dos convênios com a Coordenadoria da Saúde, realizava um trabalho de formação e se debruçava numa importante reflexão sobre a saúde mental nas instituições públicas e sobre o lugar da Psicanálise nesse trabalho. Um outro grupo empenhava-se na construção de um projeto de clínica. Não só um número significativo de colegas que haviam passado pelo curso, mas também os que permaneciam nele, sentiam a necessidade de um espaço de pertinência que acolhesse a complexidade dos acontecimentos e que respondesse ao caráter *intermitente* da formação. Por esses motivos, em 1985 tínhamos fundado o Departamento de Psicanálise.

Eram momentos marcados por uma ausência, a de Regina Schneiderman. A primeira frase do primeiro número da revista a ela presta uma homenagem: «Seu poder fundador estará sempre presente na qualidade de uma força ancestral decisiva porque se fez ato».

Eram também momentos de fortes presenças. A de pensamentos que iam se produzindo nas trocas institucionais; a presença no campo de uma nova forma de pensar a psicanálise e a formação, que quebrara a hegemonia até então existente.

Após terem passado dois anos da fundação do Departamento, um grupo de membros - certamente aqueles que por algumas vicissitudes da história pessoal mantinham uma relação mais investida com a função da escrita - começaram uma série de conversas com o objetivo de fazer uma revista do Departamento. Foi com Janette, Renata, Renato, Miriam, Mania, Renata V., Kitty, Lili, Mari Lúcia e Eva que compartilhei o trabalho e também o prazer dos encontros.

Transformar o que de início era da ordem do *ideal*, para que tomasse corpo, implicou - como sempre implica - um movimento pulsional de investimento e um trabalho de ligação - esse último feito através das escolhas, das bifurcações, dos descartes. Foi através dessas escolhas que a revista foi ganhando uma forma, um tamanho. Ganhou uma textura na escolha do papel. Ganhou um projeto gráfico no trabalho de Elisabeth Marye de Lima, que lhe fez ganhar o prêmio Classic de Artes Gráficas - momento de comemoração. Ganhou cor na escolha da capa e, sendo essa a reprodução de um quadro, ganhou cores. Ao longo desses anos pintaram seu rosto a criatividade de Sérgio Sister, Léon Ferrari, Ada Morgenstern, Tomie Ohtake e muitos outros.

Seguiu-se a escolha do nome. Optimos pelo caminho das associações, dezenas de palavras surgiam, mas rapidamente nos desiludiam. Até que surgiu **percurso**. Foi um momento de *insight*, desses em que a linguagem se revivifica, porque consegue, no seio da palavra, incluir ressonâncias afetivas e ao mesmo tempo resignificar a história. **Percurso** inclui **curso** e com isso leva em si a marca dos origens. Mas nela **curso** se resignifica no sentido do **percorrer**, do curso das águas, no movimento. Era o que queríamos: um espaço de escrita no qual o movimento que constrói permanentemente a psicanálise estivesse presente; o movimento entre aquilo que fazemos e o que conseguimos pensar sobre o que fazemos; o movimento entre a prática cotidiana e o que conseguimos teorizar sobre ela.

Em relação ao conteúdo, era nosso interesse comunicar para a comunidade de analistas as idéias que começavam a ser geradas pelos membros do Departamento.

Todos sabemos que, mudando o destinatário, o próprio autor muda. Lembro-me de uma entrevista com Jean-Paul Sartre na qual ele se referia à mudança que para sua escrita tinha significado o momento em que seus livros começaram a ser traduzidos para outras línguas: uma coisa era escrever para seus congêneres - que compartilhavam a sua língua e nos quais se reconhecia por muitas semelhanças - outra era escrever para ser lido em territórios muito distantes.

Lembrei-me dessa entrevista não porque a *Percurso* esteja sendo traduzida para o chinês, mas porque entendo que o momento de fundação da revista introduziu mudanças para os autores e para os membros do Departamento: uma coisa era falar para os próximos e outra diferente era se propor a falar para uma comunidade mais ampla.

Sabemos que quando um autor escreve para publicar, e mais ainda quando esta publicação se dá em uma revista de sua instituição, se põem em jogo questões de filiação e de pertinência. Elas fazem parte, mas o importante é que elas não tomem conta do campo, foi por isso que decidimos que a revista incluiria textos de psicanalistas em geral, fossem ou não membros do Departamento, como consta no primeiro editorial: «Estaremos receptivos a textos que não se proponham como pontos finais e nem formulem exigências de adesão incondicional, mas que nos recebam, que nos convidem à prazerosa companhia do pensar, que incluam autor e leitor no campo da interlocução».

As resistências são inevitáveis. Na condução dos tratamentos, o analista, através da análise pessoal, da conversa sobre a clínica e do cuidado para manter sempre presente a curiosidade interrogativa, trabalha para que essas não tomem conta do espaço analítico, esvaziando-o, para que não convertam o trabalho interpretativo numa visão estereotipada. Nos agrupamentos dos quais nós, analistas, fazemos parte, as resistências também estão presentes permanentemente e não podemos pensar nosso grupo isento delas, exceto se estivéssemos dominados pela onipotência infantil ou pela fantasia de heroicidade. No entanto, enten-



## DOS SETORES

do que cada grupo de analistas, nos trabalhos que realiza, faz escolhas destinadas a que não se imponham os dogmatismos e os estereótipos a que as resistências não pretendem. Tornar a *Percurso* um fórum de interlocução de escritos diversos foi uma escolha nessa direção.

É evidente que a cada autor corresponde a difícil tarefa de manter a

escrita como espaço de *elaboração* e construir seus textos permitindo que neles circulem os restos transferenciais e contra-transferenciais - trabalho nada simples.

Em dez anos de existência já foram publicados 20 números. Algumas coisas mudaram, as temáticas no final do século se tornaram mais complexas, o campo psicanalítico também, cresceu o número de autores, aumentaram os leitores, tudo

isto graças ao intenso trabalho de algumas colegas que permaneceram desde o início e de muitos outros que foram se aproximando no percurso. Mas penso que as escolhas do começo se mantiveram e se reafirmaram em cada um desses 20 números.

Silvia Leonor Alonso

## PUBLICAÇÕES PERCURSO / PERCURSO É NOME PRÓPRIO

É com ternura que deste lado do mundo escrevo tais linhas, entre o movimento de um parágrafo ao outro de uma tese. Ternura pois há dez anos participava da elaboração do primeiro número da revista *Percurso*. Não cheguei a presenciar o sabor do lançamento da *Percurso* pois ele aconteceu logo após a minha emigração para o exterior. Lembro no entanto do processo em que buscávamos um nome para a revista como se busca um novo nome próprio que seja um traço único, intraduzível devido a sua singularidade, para o rebento que chega ao mundo.

Com a comemoração do aniversário de seu decênio, comemoram-se para

minim dez anos de percurso no exterior. Continuei a prática clínica na Austrália e a transmissão da psicanálise naquele país. Quatro anos mais tarde, em 1992, vim a Paris, continuar a formação em psicanálise.

Com todos estes percursos pelas antípodas e por diferentes instituições nelas situadas nunca se desfez para mim a memória indelével da formação no Sedes no início do anos 80. Indelével pois lá encontramos uma interlocução e acolhimento para dúvidas que surgem não somente da prática clínica mas assim como fruto do reencontro com a diferença. Diferença que existe em todo o movimento criativo no trabalho com o outro.

Como se este encontro com a diferença caritasse o prazer de pensar. Este foi o tom com que começamos a pensar na criação da nova revista em 1988.

Na realidade, não são muitos Sedes que encontramos pelo mundo afora. E em cada *Percurso*, na sua singularidade, abre-se um novo botão sutil que nos transporta para novas etapas preciosas, em uma nova configuração de caminhos aleias do jardim, intensificando a liberdade do projeto.

Com saudades, palavra intraduzível, daquele momento único em 1988, saudemos a *Percurso Percurso* que por sua natureza não pode se contentar com uma clínica do absoluto, tal como a vida.

Renata Volich Eisenbruch

## PUBLICAÇÕES PERCURSO / PERCURSO DEZ ANOS

Caros amigos, estamos hoje reunidos para comemorar o lançamento do vigésimo número de *Percurso*. São dez anos de trabalho árduo, porém gratificante, e, na condição de coordenador editorial da revista, gostaria de lhes dirigir algumas palavras.

A idéia de publicar uma revista fazia parte dos projetos de Regina Schnaiderman, juntamente com a organização de um Departamento de Psicanálise na instituição a que pertencemos. O destino permitiu que ela os visse se concretizar; mas ambos são hoje realidades consolidadas, e é justo que, neste momento de alegria, prestemos uma homenagem à visão grandiosa.

Pois era preciso pensar grande, no início da década de oitenta, para formular estas propostas. *Percurso* teve um padrinho que também pensou grande: José

Paulo Kupfer. Nenhum dos analistas que, por volta de 1987, se reuniram para tentar materializar a idéia de uma revista, tinha a menor noção do que isso significava. José Paulo propôs um formato inovador, com qualidade estética e gráfica, um número de páginas que então nos parecia enorme - 64 - e anúncios para cobrir as despesas, já que o Sedes não tinha condições de financiar o empreendimento. Entusiasmados, porém aprensivos, concordamos com ele; assim em outubro de 1988, saiu o primeiro número, hoje só disponível pela Internet.

O artigo de Eliana Borges Pereira Leite, "Dez anos de *Percurso*", retrata algumas das vicissitudes que ocorreram desde então. Lutamos com muitas dificuldades até consolidar a revista; quem se lembra da formidável recessão desencadeada pelo Plano Collor talvez

não saiba que corremos o sério risco de fechar, já que nossa experiência dependia então exclusivamente dos patrocínios, e estes cessaram da noite para o dia. Quando alguns membros do grupo inicial se desligaram do projeto, assumindo outras funções no Departamento, ficamos três pessoas: Miriam Chnaideman, Kitty Haasz, e eu. A revista estava preparando o seu oitavo número: a capa em preto e branco diz o suficiente da penúria em que nos encontrávamos.

Aos poucos, vieram se agregando novos colaboradores, até chegarmos aos trinta que somos hoje. Ampliou-se o conselho editorial; criaram-se grupos para resenhas, entrevistas e revisão; formou-se uma nova comissão administrativa, para cuidar das finanças, assinaturas e demais aspectos práticos. *Percurso* sempre valorizou este setor, pois estamos convic-

tos de que sem uma sólida base econômica não se pode pretender à independência editorial. Por motivos jurídicos e contábeis, tornou-se necessário criar uma entidade que não entrasse as operações indispensáveis à sobrevivência de revista; em 1994, depois de debates amplos e transparentes, fundou-se a Sociedade Civil *Percurso*, nosso "braço temporal".

Nas suas origens, a revista se atribuía duas finalidades: estimular a prática da escrita entre os membros do Departamento, e divulgar o que seria o nosso pensamento. Mas éramos, e somos, muitos poucos para sustentar uma publicação desse porte. Abrir-se ao público profissional de todo o país era assim um imperativo tanto econômico quanto de conteúdo: para não sucumbir, *Percurso* tinha que realizar sua vocação, a de ser um órgão aberto ao diálogo e à interlocução entre as várias tendências que compõem a Psicanálise contemporânea. Nisto, aliás, ela espelha o Departamento de que faz parte, o qual se pauta pelos mesmos princípios. Também se tornou uma característica da revista a abertura para os territórios fronteiriços à nossa disciplina, seja a interface com os fenômenos sociais em sentido amplo, seja as zonas de contato com a Literatura, com a Filosofia e com as outras dimensões da cultura.

Dez anos e trezentos textos depois, *Percurso* tem leitores em todo o Brasil; está presente nas vitrinas de vinte e nove livrarias pelo país afora; mantém-se essencialmente com seus próprios recursos, complementados muitas vezes pelo apoio da Fapesp e de alguns patrocinadores; e

creio que não é pretensioso dizer que se firmou como um dos principais periódicos psicanalíticos brasileiros. Ela nos põe em contato com colegas que muito nos têm a dizer, e de quem provavelmente não saberíamos nada se, estimulados por nossas propostas, eles não nos tivessem enviado seus trabalhos. Nos debates que se seguem à saída de cada número, tivemos oportunidade de os conhecer e de nos dar a conhecer. O Índice Temático que repertoria por assunto os textos de *Percurso* dá provas concretas disso, pois em suas páginas se alteram em proporções quase iguais autores da casa e autores de outros quadrantes.

Desde 1988, o Departamento cresceu, diversificou-se e se consolidou. *Percurso* é a parte deste processo, e, na sua esfera própria, vem procurando contribuir para que ele se desenvolva da melhor maneira possível. A imagem da praça onde se encontram os amigos, onde trocam idéias e cimentam relações, nos veio naturalmente ao redigirmos o Editorial deste número vinte. É uma praça como as das cidades antigas, como as do Renascimento, ou como as das pequenas cidades do interior: lugar de conversa, de intercâmbio, de ficar sabendo das novidades. É um espaço aberto; às vezes, a chuva encharca quem ali se encontra, mas por ela podem transitar todos os que assim o desejarem.

Neste momento de festa, quero cumprimentar toda a equipe que produz a revista: estas trinta e poucas pessoas são responsáveis por dezenas de coisas aparentemente pequenas, mas sem as quais

*Percurso* não poderia existir. Cada qual na sua função, elas merecem nossos elogios e nossa gratidão, inclusive pessoas de fora do Departamento — como Wilson Montiel Pereira, nosso homem para assuntos gráficos; José Paulo Kupfer, que continua zelando pelos padrões estéticos e pela qualidade jornalísticas; Marlene de Oliveira Campos, responsável pelas livrarias e pelos Estados; Evelize Paola João, que, com paciência infinita, pagina a revista; Angela Maria Vitória, minha secretária e assessora informal para tudo o que me compete realizar como coordenador; e também as secretárias do Sedes, em especial Rose Batista, que há muitos anos vestiu a camisa de *Percurso* e desde então não mais a tirou.

Disse Monteiro Lobato que um país se faz com homens e idéias. Uma revista também: sem pessoas capazes de se dedicar a uma tarefa que transcende a cada uma individualmente, não há idéia que sobreviva. *Percurso* é uma demonstração tangível e legível de que pensar grande compensa, quando tal pensamento se faz acompanhar de um planejamento cuidadoso e de perseverança para fazer frente às inevitáveis dificuldades da convivência entre psicanalistas.

Hoje podemos nos sentir felizes, certos de nossos amigos. Que, com o apoio de todos vocês, e dos leitores que aqui não puderam estar presente, possamos continuar nossa trajetória, fazendo uma revista cada vez melhor e mais útil para todos os que praticam ou estudam a Psicanálise.

Muito obrigado,

Renato Mezan

### PUBLICAÇÕES PERCURSO / DEZ ANOS OBSERVANDO OS BASTIDORES

É com grande satisfação que estamos participando do lançamento do nº 20 comemorando aos 10 anos da Revista *Percurso*.

Todos sabemos de sua importância como veículo de comunicação dentro do meio psicanalítico, e do papel de que ela vem cumprindo no sentido de contribuir para a divulgação e discussões de novas idéias.

Desde o seu início, ela tem primado pela excelente qualidade de seu nível editorial, de modo que pode conquistar um espaço de grande respeitabilidade entre

nossos colegas.

Observando os bastidores da revista, pude perceber o quanto ela é bem aceita por nossa tribo de psicanalistas, ávidos por novas leituras e discussões ainda que muitas vezes mostrem discordâncias com os pontos de vista por ela abordados.

Entim, nossa revista veio para ficar, mesmo que para isso, por vezes se faz necessário que seus organizadores e colaboradores mais se pareçam sonâmbulos. É comum que se trabalhe invadindo noite adentro, mas com certeza vale a pena tanta dedicação.

Agradeço a todos a colaboração para que a revista venha tendo tal destaque, em especial ao Renato, que é um desses insones, trabalhando até altas horas, a fim de que ela possa estar pronta na data prevista.

Parabéns a todos nós.

Zulmira Montiel

*"Mas escrever? Para que? Para produzir (def-xar) um traço (material), para materializar meu percurso..."*

Francis Ponge

O primeiro congresso internacional de psicanálise reuniu-se em Salzburg, em 1908. Vindo de diversos países da Europa e até dos Estados Unidos, o pequeno grupo de participantes juntou-se a Freud e aos demais pioneiros para ouvi-los e com eles estabelecer uma colaboração mais estreita. Um resultado valioso do encontro, como relata Peter Gay, foi a fundação do primeiro periódico psicanalítico, o *Jahrbuch*, destinado à divulgação dos progressos da nova ciência.<sup>1</sup> Nos anos seguintes, com a expansão dos conhecimentos e o crescimento da comunidade analítica, os mesmos motivos levaram à criação de diversas outras revistas: a *Zentralblatt* apareceu em 1910, a *Imago*, em 1912, e a *Zeitschrift*, em 1913. O *International Journal* foi fundado em 1919 e, desde então, o surgimento de periódicos acompanha a difusão da psicanálise ao redor do mundo.

Nos moldes do que já acontecia em outros setores da cultura, as revistas especializadas tomaram-se veículos eficientes e dinâmicos de comunicação dos desenvolvimentos no campo psicanalítico e de interlocução entre os analistas, acolhendo trabalhos que, desta maneira, não precisam ter sua circulação limitada a um grupo restrito ou ficar à espera da publicação de um livro, sempre mais trabalhosa e demorada. As revistas podem, ainda, servir à função institucional de dar a conhecer os diversos agrupamentos que se foram constituindo no cenário psicanalítico, fazendo circular entre seus membros e tornando acessíveis aos demais não somente a produção, mas também os ideais e princípios que os sustentam e organizam. Foi atendendo a estas duas ordens de motivos que, em 1988 – oitenta anos após o surgimento do *Jahrbuch* – os analistas do então recém-fundado Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae criaram a revista *Percurso*.

A concepção de um espaço institucional, o Departamento, deu con-

tinuidade a um projeto de formação em psicanálise iniciado anos antes com a criação do Curso. Tratava-se agora de *constituir uma pertinência* gerando, para os participantes do projeto, espaços de reconhecimento mútuo, de prosseguimento da formação teórica, da reflexão sobre a clínica e do desenvolvimento de uma produção própria, apta a contribuir para a ampliação dos recursos que sustentam a prática psicanalítica nos diferentes contextos em que esta pode ser inscrita. Uma estrutura complexa, um organismo vivo, desenvolveu-se com a constituição de setores que acolheram as diversas modalidades de trabalho, os múltiplos interesses e as possibilidades criativas de seus integrantes. A escrita, destino privilegiado da produção psicanalítica e veículo de sua transmissão, encontrou lugar na criação de um setor de publicações que acalentou, desde seus primeiros momentos, o projeto de fabricar uma revista.

Assim surgiu *Percurso*, no vir a ser de um espaço de formação, concebida desde o primeiro número como "suporte de uma tessitura feita de fios de diferentes escritas", em cuja trama os conceitos clínicos e teóricos poderiam ser "postos a trabalhar, num movimento de contínua recriação". O editorial que a inaugurou formulava ainda o desejo de que suas páginas fossem um convite à prazerosa companhia do pensar, incluindo autor e leitor no campo da interlocução.

O mesmo trabalho de recriação permanente e o prazer do pensar imprimiram à própria revista o movimento de sua constante reinvenção. Ao longo de seus dez anos de publicação, forma, conteúdo, equipe e modo de produção passaram por transformações que indicam sua vitalidade, bem como sua inserção no contexto da instituição e no meio psicanalítico em sentido mais amplo. Os editoriais, a análise dos índices temáticos e alguns textos do setor de publicações no Boletim do Departamento documentam e tomam possível acompanhar estes movimentos.

Em seus primeiros números, *Percurso* esteve, naturalmente, voltada para a trabalhosa tarefa de tomar corpo e de se dar a conhecer. Alimentou-se de artigos

cujos autores eram, quase na totalidade, membros do Departamento, notadamente – professores do Curso de Psicanálise. Nos editoriais, a ênfase incidiu sobre o surgimento e a afirmação de uma identidade e a abertura ao diálogo. Além dos textos, entrevistas e resenhas, faziam parte da revista, nesta época, duas seções – Crônica e Agenda – que veiculavam informações e reflexões sobre o desenvolvimento e as atividades da instituição. Posteriormente, estas seções tiveram sua função melhor preenchida pelo Boletim.

O recebimento de artigos de diversas procedências, recobrimo um amplo espectro de temas, logo indicou a aceitação do convite inicial. Analistas de diferentes orientações puderam ter seus artigos publicados, encontrando em *Percurso* um espaço de diálogo regido não por filiações institucionais e fidelidade a escolas, mas pela "preocupação e cuidado com a clínica, o empenho na pesquisa teórica, o compromisso ético". Sempre em sintonia com a história e os princípios do Departamento, a revista foi consolidando uma posição no cenário das publicações psicanalíticas no Brasil. Venceu seus primeiros desafios, não deixando de ser editada mesmo quando graves acontecimentos políticos e econômicos ameaçavam paralisar projetos em todos os setores produtivos do país. O prêmio Classic de Artes Gráficas, obtido em 1990, foi a merecida recompensa pelo elevado padrão de apresentação que – desde o início – caracterizou *Percurso* e, ainda que de forma indireta, pelo esforço coletivo empreendido para garantir a continuidade de sua publicação. A qualidade do conteúdo, por sua vez, alcançou reconhecimento sob a forma de um consistente crescimento do número de assinantes e pelo constante fluxo de artigos enviados espontaneamente por seus autores. Indexada pelo *Psychoanalytical Abstracts* a partir de 1995, *Percurso* tomou-se a primeira revista de psicanálise em língua portuguesa e não ligada à IPA a atender aos critérios de um índice internacional e ser incluída como referência bibliográfica entre tantas publicações de reconhecido valor.

### A TRAMA DOS TEMAS

A organização de alguns números em torno de eixos temáticos pré-definidos foi a forma encontrada pela revista para acolher, em alguns momentos, questões que, surgidas no contexto institucional ou apreendidas nos horizontes mais amplos do campo psicanalítico, do social e da cultura, solicitaram uma reflexão mais focalizada. Em torno do tema da violência, de suas múltiplas manifestações, seu impacto sobre a constituição do sujeito psíquico e suas repercussões na clínica organizou-se o número 7 de *Percorso*. As modalidades de inserção, as condições de trabalho do analista fora do consultório, os parâmetros que orientam sua escuta quando não dispõe do *sitting* habitual orientaram, por sua vez, os artigos reunidos no número 9. Os diferentes momentos da formação, suas vicissitudes e seus riscos, foram abordados pelo número 12 da revista, em artigos que enfatizaram a natureza visceral e profundamente pessoal da experiência formativa, além da fecundidade que deve estar presente "para a constituição de uma identidade analítica que não exclua a mobilidade psíquica e intelectual". O desejo de refletir sobre as relações e contribuições recíprocas entre a arte e a psicanálise guiou a organização do número 15. Em seus artigos, as ligações possíveis entre a psicanálise e as diversas modalidades artísticas - literatura, música, artes plásticas, teatro, cinema e fotografia - deram-se a perceber, tendo como ponto de convergência "o ato criador, presente tanto no fazer do artista quanto no fazer analítico".

Três autores de destaque na história da psicanálise cujas obras têm profundas repercussões na prática contemporânea foram também focalizados por números temáticos de *Percorso*. Fiel ao compromisso de abrir suas páginas ao "diálogo entre as correntes que perpassam nossa disciplina", a revista começou por acolher, em seu oitavo número, artigos que refletiam alguns dos principais eixos do pensamento de Lacan, suas dificuldades e suas conquistas, procurando sustentar um debate não obscurecido por "adesões cegas" nem "alergias surdas". Posteriormente, quando a obra de Ferenczi tornou-se objeto

de interesse em nosso meio, o décimo número da revista lhe foi dedicado. Procurou-se então "favorecer um encontro com Ferenczi, e por esta via um encontro com o perturbador da experiência clínica de cada um de nós, com nossas dúvidas e com nossas incertezas". De modo semelhante, o crescente interesse pela obra de Winnicott no meio psicanalítico brasileiro motivou a produção do número 17, que buscou abarcar a diversidade de leituras, a coexistência de múltiplos pontos de vista sobre a obra deste autor e, em particular, os pontos de ruptura e de ligação desta obra com o pensamento de Freud e de outros psicanalistas importantes. Trabalhar o pensamento de Winnicott "para não desmerecê-lo, para não tomar sua obra como um sistema fechado, como um dogma", foi a diretriz adotada na confecção daquele número e que também esteve presente anteriormente em relação a Ferenczi e Lacan, assim como certamente orientará futuras abordagens das obras de outros autores.

Para surpresa do Conselho Editorial e possivelmente também dos leitores, números em que um eixo temático não havia sido inicialmente sugerido revelaram, depois de prontos, a presença de tendências latentes, de fios de pensamentos que permitiram perceber, *a posteriori*, uma articulação e um diálogo possível entre os artigos. Assim, o número 11 de *Percorso* chamou a atenção para a presença da cultura como interlocutora do psicanalista, "fornecendo instrumentos de reflexão, ilustrações paradigmáticas, termos de comparação ou de referência e funcionando como andaime para a construção de textos", operando como suporte para dar expressão à experiência analítica e aos aspectos da clínica que pedem elaboração. A cultura e suas múltiplas manifestações continuaram presentes nos artigos reunidos no número 13, como recursos de fertilização do pensamento que favorecem a abertura para a escuta do diferente, do que ultrapassa as fronteiras do familiar e confronta a psicanálise com seus limites, mobilizando questionamentos e transformações: "A psicanálise, a peste, deixa-se deste modo empestear. Ela não apenas pensa a cultura: é por esta pensada, e assim transformada."

Em contraponto a estes trabalhos que exploram as margens e interfaces com

que a prática psicanalítica demarca sua especificidade e, ao mesmo tempo, acolhe a mudança, o número 14 de *Percorso* voltou-se para o interior do próprio campo, por meio de um diálogo com o pensamento de Freud. Um conjunto de artigos foi dedicado a questões metapsicológicas, ilustrando uma leitura da obra freudiana que se mostra fecunda na medida em que considera o fundador da psicanálise como *interlocutor*, de modo a "escutá-lo, pensar no que nos diz, respeitar seus argumentos para melhor compreendê-los, mas também formular os nossos, eventualmente refutar os seus, servindo nos deles para construir um pensamento próprio no e pelo diálogo".

Mesmo o "agrupamento de solitários" que se configurou no número 16 não deixou de dar a perceber, pela noção de *desafasamento*, um ponto de convergência entre os artigos, mantidas as singularidades com que cada autor procurou explicitar seu pensamento sobre as fronteiras e as invenções que as ultrapassam. Nas palavras de Radmila Zygouris em sua entrevista, o inventivo na análise é um momento "quase poético", no qual algo descoberto não precisa ser inserido no "já pensado" e em que se recusa a passividade frente à teoria, resgatando-se assim a dimensão terapêutica da prática analítica. Reflexões que se estendem à maneira como o Conselho Editorial escolhe os textos que preenchem a revista, valorizando "aqueles que se apropriam das ideias que expressam, trabalhando-as de forma estimulante".

Os destinos da pulsão, suas precariedades e os efeitos de seus transbordamentos foram o cenário em que se movimentaram os textos do número 18, igualmente sem planejamento prévio. Pontos cruciais da teoria viram-se postos a trabalhar face a questões que, suscitadas por urgências da clínica, testam os limites do instrumental analítico, fazendo exigências de expansão do alcance da técnica e da metapsicologia. Neste número, em particular, foi possível "escutar os ecos" de edições anteriores por meio de referências a artigos já publicados na revista e aos debates entre autores e leitores e, desta forma, viu-se reiterado o papel que *Percorso* procura preencher na comunidade psicanalítica, enquanto "um lugar de ressonância de ideias e de intercâmbio

bio de diferentes posições". Por sua vez, os artigos agrupados no recente número 19 veiculam a noção de que "o trabalho com os textos produzidos pelo dispositivo analítico é o que mantém em movimento o jogo da criação metapsicológica". Fazer de suas páginas um lugar no qual este trabalho e este movimento encontram acolhida tem sido, nestes dez anos, um dos propósitos desta revista.

### OS FIOS DA ESCRITA

Uma trama temática é o efeito - buscado ou inesperado - da aproximação entre os artigos no espaço coletivo de cada número de *Percorso*. Por outro lado, é na singularidade de cada autor, no seu uso particular da palavra, que se encontra a materialidade desta trama. À maneira das retrospectivas anuais feitas por algumas revistas não especializadas, é possível editar, das páginas de uma década de *Percorso*, momentos singulares - alguns fios - que dão vida a esta tessitura. São de Regina Chnaiderman as palavras emblemáticas com que se inicia este trajeto:

"Ensinar a psicanálise é um ato psicanalítico e é um projeto de desalienação. Desalienação, desta vez, não do sujeito analisado, mas desalienação do discurso que se tem sobre o saber psicanalítico."

"O saber analítico se resume num saber analisar, isto é, ser capaz de levar um outro sujeito à decifração de seu próprio texto inconsciente; analisar é um fazer saber e não um saber fazer."

"Todo analista nasce numa sociedade endogâmica de vocação incestuosa. Mas o que é preciso ressaltar é que a formação analítica só merece este qualificativo a partir do momento em que se põem em questão todas as posições identificatórias filiais ou parentais, em que o analista traçará seu caminho como entender... como *um outro que soube conquistar o que seus pais e pais lhe legaram*."

*Percorso*, nº 1

Em entrevistas e textos, muitos outros fios:

"A psicanálise, como outras idéias, é uma idéia boa de ser pensada, boa de ser agida."

"A própria escolha dos objetos reflete minha preocupação de colocar a psicanálise a serviço de alguma coisa humanamente útil... Trata-se, no fundo, de entender que ela deve servir para melhorar o convívio humano, para exercer a tolerância, a liberdade."

Jurandir Freire Costa, *Percorso*, nº 1 e 2

"A prática da supervisão situa-se na fronteira entre a atividade analítica e as teorias que a instituem e que lhe fornecem um substrato conceitual; situa-se na fronteira entre o singular e o universal, entre o devaneio associativo e o discurso articulado."

Luiz Carlos Menezes, *Percorso*, nº 1

"Sustentar o lugar de analista implica dificuldades. A renúncia narcísica de suportar, mas para dissolvê-lo, o lugar de saber que nos é outorgado, sem confundir-se com ele."

Silvia Alonso, *Percorso*, nº 3

"Uma das minhas preocupações teóricas é a de que nós, os analistas, não nos convertamos em guardiães de uma pureza da análise, mas sim que façamos a psicanálise trabalhar... Devemos recuperar o intercâmbio como única forma de não nos lechamos nas questões teóricas que privilegiamos ou que a escola à qual pertencemos privilegia."

"O grande mérito de Freud foi ter mantido um sistema aberto que, sem se perder em cada uma das descobertas, manteve sempre a complexidade da psicanálise."

Luís Hornstein, *Percorso*, nº 3

"É claro que não é a Psicologia que vai fazer a revolução social. Mas a Psicologia é um instrumento muito importante para transformar as pessoas e para levar as pessoas a ter uma visão melhor do mundo e, portanto, uma conseqüente melhor solução dos problemas deste mundo."

Madre Cristina, *Percorso*, nº 4

"As escolas, tendências, doutrinas são sem dúvida heterogêneas entre si, mas todas guardam com a obra de Freud e com seu modo de praticar a psicanálise uma relação de interlocução e de referência

sem paralelo em outras disciplinas."

Renato Mezan, *Percorso*, nº 4

"O pensamento psicanalítico deve retornar o movimento fundador que é essencialmente o de Freud e também dos grandes sucessores; fazer um trabalho interno, não um trabalho exterior, sobre os autores psicanalíticos, assim como um trabalho interno em nossa própria teoria."

"Cada sujeito tem um modo próprio de teorizar-se; há uma autoteorização do ser humano, isto é, o modo como cada homem teoriza a si mesmo. A psicanálise tem de respeitar a profunda originalidade do paciente..."

Jean Laplanche, *Percorso*, nº 5/6

"A leitura de Freud deve evitar ainda o risco dogmático. O dogmatismo é alienante, já que substitui a pulsão de saber pelo anseio de albergar o já pensado pelo outro, consumando um desejo de morte que concerne ao pensamento."

Luís Hornstein, *Percorso*, nº 5/6

"Trabalhar? Bem, entendo que seja *criar*; eu traduzo assim o que diz Freud."

Trabalhar para sobreviver não é suficiente. Sobreviver é necessário, mas, além disso, há também algo sublimatório que faz falta. Há que produzir, de alguma maneira, no simbólico."

Gilou Garcia Reynoso, *Percorso*, nº 7

"Há uma maneira de construir um Freud bem comportado, alguém que, como mestre, soube dominar os seus conflitos. Eu prefiro o Freud vulcânico, insuportável, a uma leitura que o enquadre plenamente e que quase sempre se vê obrigada a amputar o texto."

Monique Schneider, *Percorso*, nº 8

"Explicar todo comportamento como recusa de viver a castração vem se tornando um lugar-comum que, por explicar tudo, não explica nada."

Miriam Chnaiderman, *Percorso*, nº 8

"Atraiá nos a oportunidade de trabalhar na área da saúde mental, onde poderíamos ampliar os benefícios do pensar analítico, assim como articular essa forma de trabalho com situações diferentes da clínica particular."

Cecília Hirschon, *Percorso*, nº 9

## DOS SETORES

"Em Bonneuil não se dá uma escuta 'psí' às crianças 24 horas por dia...Entre outras coisas, há o perigo de que elas venham a suspeitar de que interessam aos adultos exatamente por causa de seus sintomas."

Maud Mannoni, *Percorso*, nº9

"Há muito tempo, os pensamentos parasitas me fascinam. Sei que não se deve expulsá-los muito rapidamente. Eles são a chamada da razão dos sonhos, estranhos à razão do dia...Contam a outra história, aquela que eu não posso ou não devo conhecer."

Radmila Zygoris, *Percorso*, nº 11

"A psicanálise, o dispositivo clínico analítico, insere-se na linhagem dos pensamentos que procuram dar conta de uma passagem da servidão para a liberdade possível...Freud delinea a ética psicanalítica da tolerância, onde nenhuma regra a respeito da felicidade vale para todos."

Renata Cromberg, *Percorso*, nº11

"Troquei minha neurose pelo delírio de ser normal...Essa mutação teve a ver com o fato de assumir meu dever desejante."

Emílio Rodrigué, *Percorso*, nº12

"A psicanálise sobreviveu e sobreviverá enquanto forem produzidos lapsos, sintomas, sonhos, e houver alguém disposto a ouvi-los."

Silvia Alonso, *Percorso*, nº 12

"Enquanto formadores, estamos nos formando, e este é um aval que temos da existência de uma transmissão psicanalítica. Se estamos em movimento de transformação, temos um indicio de que há processos de criação e não meras reproduções."

Janete Frochtengarten, *Percorso*, nº12

"Uma história é sempre uma história para alguém e, por isso, a memória resgatada na análise não é só apropriação que o sujeito se faz, mas o faz também para alguém."

Mara Caffé, *Percorso*, nº13

"Não se pode esquecer que o inconsciente é sexual e que a psicanálise trata

do sexual."

Jean Laplanche, *Percorso*, nº13

"É exatamente desta distância entre demanda e desejo, a partir deste lugar onde surge a frustração, que se engendra todo e qualquer significado."

Piera Aulagnier, *Percorso*, nº14

"Transformar a relação com o infantil não significa sua eliminação...mas permitir uma reorganização de forças para que o novo possa advir."

O infantil é um território a explorar em cada um de nós; oferece sua face, mas nunca a revela inteiramente."

Bernardo Tanis, *Percorso*, nº14

"Acredito que a maior originalidade de Freud foi a de dizer que toda nossa realidade psíquica é contingente e que somos uma pluralidade identificatória sem centro ordenador metafísico."

Jurandir Freire Costa, *Percorso*, nº14

"A metapsicologia é, em grande parte, fruto do prazer intelectual e estético de conjecturar: seu parentesco com as teorias sexuais infantis é reconhecido e declarado."

Camila Salles Gonçalves, *Percorso*, nº15

"A psicanálise pede e exige o poético."

"A arte, a linguagem poética e metafórica, é um dos meios pelos quais podemos tangenciar o indizível, tocar o não-representável."

Helena Rosenfeld, *Percorso*, nº15

"Só enquanto analistas podemos descobrir e teorizar a unidade de movimentos e de relações afetivas na fala de nossos pacientes."

Isaias Melsolin, *Percorso*, nº15

"Enquanto os filósofos apreendem a floresta por meio de 'idéias sobre', e os poetas se deixam tomar ou penetrar por elas, Freud a aborda passando de uma árvore a outra, reconhecendo a cada vez por uma nova."

Daniel Delouya, *Percorso*, nº16

"Quando se examinam as construções teóricas da psicossomática psicana-

lítica, ficam evidentes os fatos de que aí se encontra uma importante ampliação para nosso horizonte, bem como de que o solo metapsicológico onde repousam seus alicerces é eminentemente freudiano."

Flávio Carvalho Ferraz, *Percorso*, nº16

"Não me tornei psicanalista unicamente através de meus analistas e supervisores; tornei-me analista também através de meus amigos e colegas analistas."

Radmila Zygoris, *Percorso*, nº16

"Freud contempla seu neto Winnicott brincando com o carretel, e intui que algo verdadeiramente importante se apresentava naquela experiência. Seria o *fort da* uma espécie de sonho premonitório de Freud?"

Décio Gurfinkel, *Percorso*, nº17

"A histerização é um modo de padecer da dor da feminilidade e, por isso mesmo, uma forma de construir novas formas de sublimação."

Joel Birman, *Percorso*, nº18

"O prazer da escrita vem do fato de que, através dela, o poeta sempre inventará o mundo à sua maneira. O esforço literário mostra como, através da escrita, alguém tentou superar a resistência que a experiência interna sempre oferecerá à significação."

Ana Cecília Carvalho, *Percorso*, nº18

"Tudo o que pode alargar a escuta do analista é precioso, não só para o trabalho analítico mas também para a reflexão sobre si e sobre as próprias concepções teóricas."

Joyce McDougall, *Percorso*, nº18

"Se é possível pensar um campo onde o orgânico e o psicológico se reúnem, tecendo uma trama, estaremos ajudando a romper com os feudos científicos. Estaremos superando um imaginário narcísico que nos faz pensar que nossa visão é a única, e que somos os detentores da verdade."

Ana Maria Sigal Rosenberg, *Percorso*, nº19

"Num mundo onde o narcisismo sofreu tamanha expansão, um campo ficou vazio – o campo da palavra dirigida a um outro e o reencontro desta palavra dentro de nós como parte daquilo que nos constitui – campo que, com todas as resistências, é ainda, a meu ver, o lugar por excelência da psicanálise."

Maria Laurinda Ribeiro de Souza,  
*Percurso*, nº19

"Psicanálise é amplidão. Aliás, é assim que eu vejo Freud."

Lygia Alcântara do Amaral, *Percurso*, nº19

### TRAÇOS DE UM PERFIL

Assim como em cada edição de *Percurso* é possível reconhecer, planejado ou não, um fio condutor que percorre seus artigos, também é possível, por meio de um paciente trabalho de indexação, definir os grandes eixos temáticos de que se ocupam os cerca de trezentos escritos publicados até este festejado vigésimo número e quantificar sua distribuição. A elaboração periódica do índice temático fornece muitas informações que, cuidadosamente tabuladas e submetidas a uma análise qualitativa, funcionam como uma "radiografia" da revista, revelando suas principais características.

*Percurso* pode ser descrita como uma publicação de traços marcadamente freudianos. Ainda que se tenha proposto, desde o início, o diálogo com as diversas tendências do pensamento psicanalítico, a referência direta a Freud e o trabalho em torno de seus conceitos predominam nos artigos veiculados na revista. A presença de outros autores não deixa de acontecer, mas apenas se tomada em conjunto equipara-se à forte presença de Freud. Também se pode afirmar que o interesse pela clínica é um traço fundamental no perfil de *Percurso*, clínica que se apresenta predominantemente elaborada num estilo clássico e evidencia forte afinidade com a psicanálise francesa contemporânea. As questões clínicas, o processo analítico e mesmo a psicopatologia são, assim, constantemente articulados às reelaborações metapsicológicas de autores como Piera Aulagnier, Jean Laplanche, Pierre Fédida, Monique Schneider e outros. Mais recent-

emente, o pensamento do Middle Group vem se tornando presente por intermédio das concepções de Winnicott mas, habitualmente, são poucos os artigos recebidos que tomam como referência o pensamento de autores ingleses. Assim como se interessa pela elaboração metapsicológica, a revista também se volta para a fundamentação epistemológica dos conceitos, mantendo um diálogo com a filosofia.

Um traço forte de *Percurso* é sua atenção às conexões da psicanálise com a cultura. Há uma incidência expressiva de escritos que procuram enriquecer a reflexão clínica e teórica tomando como articuladores as diversas modalidades de produção cultural. O social também tem presença significativa nas páginas da revista, através de textos que se ocupam tanto de aspectos do contexto social e político que repercutem na prática psicanalítica quanto da inserção do pensamento analítico no trabalho institucional. Tal conjunto de características faz de *Percurso* uma revista voltada principalmente ao leitor que, sendo um profissional da área, está de fato envolvido na prática clínica no campo psicanalítico, em contato com suas problemáticas e mobilizado para a reflexão que esta prática suscita.

Entre as transformações "vivas" pela revista desde seus primeiros tempos, a mais imediata e perceptível é, sem dúvida, seu espontâneo enriquecimento. As edições mais recentes contam, em média, com vinte artigos, ou seja, o dobro do que se costumava publicar em seus primeiros números. Em correspondência a este crescimento, *Percurso* tomou-se, pouco a pouco, mais exotêmica? A predominância inicial de textos escritos por membros do Departamento foi sendo gradualmente equilibrada pela afluência de artigos de múltiplas procedências, resultado da receptividade encontrada pela revista no meio psicanalítico que lhe permite cumprir seu projeto de oferecer-se como espaço de interlocução.

Nesta mesma direção, merece destaque a iniciativa de realizar, a partir do número 10, o encontro entre os autores de cada edição e os leitores interessados em debater mais profundamente seus artigos. Na prática, estes encontros transformaram-se em eventos bastante aguar-

dados por leitores e autores, pois criam ricas oportunidades de reelaboração tanto da leitura quanto da escrita. Encontrando-se pessoalmente, os autores examinam, junto aos leitores, as ressonâncias entre seus textos e explicitam suas aproximações e diferenças, transformando o texto publicado em ponto de partida para novas elaborações. Configura-se assim, como já foi dito por um dos participantes, "mais um espaço de continuidade da formação". Para a equipe que produz *Percurso*, estes eventos são também oportunidades de reavaliar o conjunto do trabalho realizado em cada número da revista e de examiná-lo criticamente, de modo a manter o padrão de qualidade já alcançado e descobrir pontos a serem aprimorados nas próximas edições.

### BASTIDORES

A confecção de um número de *Percurso* é uma tarefa bastante complexa tanto em seus aspectos editoriais quanto do ponto de vista administrativo, envolvendo atualmente cerca de 35 pessoas. Para realizá-la, a comissão responsável que se formou inicialmente foi incorporando novos membros e dividiu-se, com o passar do tempo, em grupos de trabalho com atribuições específicas. O Conselho Editorial recebe e seleciona os artigos, sugere eventuais alterações e cuida de imprimir a cada número da revista uma certa coerência, além de redigir o editorial. O Grupo de Resenhas e o Grupo de Entrevistas cuidam da produção específica destes textos. Provas gráficas de todo o material passam até quatro vezes pelo crivo do Grupo de Revisão e só após todo este trabalho, que se estende por um semestre, a revista está pronta para ser impressa. Em seguida é acionada a distribuição ao universo de mais de 700 assinantes, implicando procedimentos diferentes para membros e não-membros do Departamento. Há também o envio de exemplares a instituições, bibliotecas e outros destinatários, além da distribuição às livrarias. Todo o processo aqui resumido envolve uma infinidade de operações invisíveis e essenciais que vêm funcionando com notável eficiência, sob a regência da Coordenação Editorial e do Conselho. Ainda assim, estão sujeitas a inevitáveis imprevistos que vão sendo superados a

cada momento com a colaboração da equipe.

O trabalho administrativo é fundamental para dar sustentação à produção de *Percurso*, que movimenta recursos financeiros bastante significativos. Em 1994, constituiu-se a *Sociedade Civil Percurso*, com o objetivo de simplificar e agilizar esta administração. Uma gestão cuidadosa das finanças, somada à liberdade de implementar novas idéias sem qualquer entrave burocrático, vem dando bons resultados que comprovam o acerto da iniciativa. Muito foi feito em benefício do trabalho de captação de novos assinantes e de renovação de assinaturas que são a principal fonte de receitas próprias da revista. A tarefa toda tem de ser recomeçada a cada ano, exigindo muita dedicação das pessoas envolvidas. Seu objetivo é atingir a meta de 1200 assinantes, o que tornaria a revista independente dos recursos, por vezes incertos, dos patrocínios e da Fapesp. A venda em livrarias, por seu turno, também desenvolveu novas estratégias e, embora

menos expressiva financeiramente, é um setor que recebe constante acompanhamento, pois confere visibilidade à revista.

### VISIBILIDADE

Exposta no *display* de uma livraria, *Percurso* captura o olhar, assim como, a cada semestre, surpreende o leitor que a retira de seu envelope. Na capa, uma obra de arte faz o convite à leitura, evocando o parentesco entre o ato criador do artista e o momento em que, emergindo de seu silêncio, o analista opera com a palavra, seja numa sessão ou na criação de um escrito. A escrita do analista é um meio muito sensível de dar a ver seu percurso. "Cabe a seu texto", diz Fédida, "dar testemunho de quem ele é em trabalho".<sup>1</sup> Acolher os fios desta escrita, tecê-los e relançá-los no movimento associativo que irá compor outras criações e o fazer permanente desta revista.

"Eis aqui *Percurso*..."

Ao comemorar seu décimo aniversário renova-se, por meio deste texto, seu compromisso inicial. A equipe que a produz confraterniza-se com os autores e leitores, com o Departamento de Psicanálise, o Instituto Sedes Sapientiae e todos os que, de alguma forma, envolveram-se em sua trama. Tempo de festa...

Daniel Delouya

### NOTAS

1. P. Guy, *Freud - Uma vida para nosso tempo*, São Paulo, Companhia das Letras, 1989, p.207.
2. Os trabalhos mais recentes desta índole estão disponíveis no Boletim do Departamento publicado em dezembro de 1996. Um novo índice temático encontra-se em preparação.
3. Observação que me foi sugerida por Maria Dewek, assim como outras incluações que utilizei neste texto.
4. P. Fédida, *Op. cit.*, p.35.

## PUBLICAÇÕES PERCURSO / COLABORAR COM PERCURSO

Como membro da CC do Departamento, tenho um modo de ver as finalidades deste tipo de instituição que congrega psicanalistas. Como colaboradora da revista, tenho caminhado com o desejo de realizar ensaios psicanalíticos. Creio haver uma relação entre o que é visado, em um e em outro papel, que pode ser descrita.

O Departamento de Psicanálise conserva muito do que pode ser valorizado como liberdade. Os alunos do Curso e os membros não são submetidos a credos em relação a quaisquer linhas psicanalíticas, e nem pressionados para abjurar suas preferências por concepções da teoria psicanalítica que não sejam predominantes no Departamento. Há uma tendência que permanece, creio, a convocar e a escutar o diferente, o novo, o diverso. Não se trata de tolerância utópica e ninguém aqui é santo. Mas creio que os mecanismos de negação e de *fazer desacontecer* o que vem de fora não sejam o nosso forte. No even-

to sobre o *Acontecimento estético*, por exemplo, ouvimos atentamente bionianos, lacanianos, pós lacanianos, cariocas, Isaías e Rodrigué. Questionamos, discutimos e polemizamos, o que me parece desejável. Não idealizo o Departamento. Mas sinto-me bem ao constatar que não tendemos a afirmar que teorias psicanalíticas preteridas ou desconhecidas não fazem sentido ou *não são psicanálise*.

A primeira frase do primeiro editorial do primeiro número da *Percurso* diz o seguinte: "Eis aqui *Percurso*. *Percurso* que nos situou e nos mantém no Instituto Sedes Sapientiae. Pensar a psicanálise como algo que se historiciza, que se inscreve no cruzamento de determinações psíquicas, sociais, temporais, - isto nos põe de acordo com as concepções que norteiam a instituição à qual pertencemos." O autor jogou com sentidos do nome da revista e com a nomeação substantiva da ação do Departamento. A his-

tória não envelheceu sua frase, mas transformou sua amplitude, que abrange nossas preocupações atuais.

Penso que a disposição para um trabalho "coordenativo" leva ao compromisso de acolher e estudar com os membros do Departamento, os projetos que se sustentam e que se desenham nos referidos cruzamentos. Por outro lado, a experiência de publicar na *Percurso*, participar das reuniões em que seus artigos são comentados e discutidos, tem me feito sempre redescobrir a psicanálise. Acho que coordenador e escritor fazem muito para descobrir a pontinha do *iceberg* do que é preciso fazer. Mas ainda temos onde, com quem e como dialogar sobre os perfis vislumbrados. Temos motivos para comemorar.

Camila Salles Gonçalves



## CURSO / I COLÓQUIO INTERNO DO CURSO DE PSICANÁLISE

Um curso de formação: um espaço de produção de psicanálise.

No dia 26 de Setembro, ao longo de todo um sábado, aconteceu em algumas salas de Instituto o I Colóquio Interno do Curso de Psicanálise do Departamento.

Após algumas semanas prévias de preparação da estrutura e do espírito de tal encontro, fruto de uma idéia que já há anos circulava entre professores e alunos, foi possível realizar este primeiro encontro reunindo uma parte significativa da produção teórica realizada pelos alunos do Curso de Psicanálise nos últimos quatro anos.

Esta produção escrita, é o resultado do trabalho que se desenvolve nos seminários anuais do curso e que culmina na elaboração de uma monografia. Reflete-se nelas uma consistente pesquisa bibliográfica e a elaboração teórica-clínica que traz a marca do pensamento que circula na nossa instituição.

A idéia que nos norteava estava baseada na importância de poder reunir colegas em diferentes momentos de sua formação em um espaço onde fosse possível esta circulação. De fato, a interlocução e a discussão nos permitiu avançar e criar mais laços afetivos e de pertinência com a instituição, laços estes necessários na formação permanente de um analista, que pela natureza própria de sua prática solitária deseja encontrar um lugar que lhe possibilite o prazer de compartilhar, ao mesmo tempo que, ao transbordar a sua singularidade, sente-se participando de um projeto coletivo que colabora a criar. No retorno que tivemos dos colegas este aspecto foi muito destacado. "A pertinência a instituição se consolida na produção coletiva, no estar juntos pensando e discutindo psicanálise, no reconhecer e sentir-se reconhecido de forma ativa", nos diz um participante da jornada.

Quisá foi em ressonância com esse sentimento que, para nossa surpresa, recebemos uma grande aceitação e adesão ao encontro. Muito mais pessoas do que em um princípio momento chegamos a imaginar, participaram e definiram para este Colóquio, um espaço produtivo e desejante. Espaço de produção e de desejo em psicanálise.

Seja apresentando trabalhos nas mesas, seja assistindo e debatendo os traba-

lhos apresentados, ajudando na coordenação e na difusão do evento, a mobilização foi grande. Se alguns se dedicaram a organizar o encontro, todos os mais de cem participantes garantiram seu sucesso.

Entre nossas propostas para este primeiro encontro tínhamos a idéia de organizar um evento interno, dirigido fundamentalmente a alunos e professores do curso, criar um espaço de certa intimidade, para não sentirmo-nos, justamente, intimidados.

A coordenação das mesas ficou a cargo tanto de alunos como professores, consolidando um espaço de reconhecimento entre colegas e de intercâmbio dos lugares de saber e de poder que a palavra *curso* sempre coloca sob suspeita.

A idéia de um *curso como percurso* ficou evidente na possibilidade de reagrupar temas de formas variadas, já que partimos da concepção de que as modalidades para abordar uma temática em psicanálise mantêm uma singularidade que é essencial tanto a seu método como a seu objeto de estudo.

Não foi estabelecido nenhum critério para a seleção previa dos trabalhos. Cada expositor dispunha de 20 minutos para apresentar suas idéias o que exigiu dos mesmos um trabalho de re-elaboração e sínteses que foi muito produtivo e tomou as apresentações mais ágeis e consistentes.

As oito mesas, com as vinte e cinco palestras, foram acompanhadas bastante de perto por um público interessado e vivo, o que acabou por configurar um trabalho em vários níveis: a partir do trabalho dos palestrantes, de seu diálogo cruzado a respeito dos temas propostos pela comissão de organização a cada mesa, colocava-se um debate mais amplo, onde cada um dos presentes, podia se posicionar e se reconhecer na matéria discutida de forma própria.

Também a Comissão Organizadora teve uma oportunidade ímpar, de encontrar prazer na discussão teórica que nos levou a pensar os eixos e as formas em que tão variados trabalhos poderiam ter uma interlocução. Descobrimos mais uma vez, a satisfação que possibilita a pertinência institucional, quando se desburocratiza a tarefa e se cria um espaço de trabalho coletivo onde se contem as diferenças.

Durante o Colóquio, algumas impressões eram recorrentes: de fato como trabalhos no nosso curso... Como produzimos

trabalhos de interesse, sério, criativos e que mantenham um rigor de produção acorde aos diferentes estágios de nosso percurso... A presença de tais impressões em varias falas parecia configurar a tomada de consciência de um grau atingido por um trabalho coletivo de transmissão, estudo e elaboração particular das questões que a disciplina de Freud coloca, que na verdade não se realizou neste momento, mas vem se realizando e se aderando ao longo de quase 22 anos de curso.

Desta forma, algo tornou-se claro e conquistado como um triunfo deste espaço de formação e pesquisa; temos uma aproximação densa, extensa e relativamente precisa da obra freudiana, o que nos permite uma linguagem comum de trocas, um ponto de partida que possibilita o desenvolvimento, em um espaço coletivo e de forma compartilhada das mais variadas possibilidades de reflexão e ampliação da matéria freudiana, em noções psicanalíticas que ganham valor de contemporaneidade. Basta uma olhada na pluralidade de temas psicanalíticos, de vertices teóricos e de tradições diferenciadas de pesquisa em psicanálise, que compareceram e tiveram voz neste fórum, e na alma de seus participantes.

Por fim, gostaríamos desde já de comunicar a todos que no próximo ano pensa-se em realizar a II Colóquio ainda no final do primeiro semestre, o que deixaria o trabalho coletivo de reflexão e apresentação destes trabalhos mais diferenciado do momento de apresentações das monografias de fim de curso. Estamos também pensando na publicação dos trabalhos do Colóquio para facilitar sua circulação e possibilitar que os colegas os utilizem como bibliografia para novas produções.

A comissão organizadora agradece mais uma vez, a professores e alunos a colaboração e o entusiasmo com que foi recebida esta iniciativa. Já que não foi possível a publicação do programa do colóquio no último boletim, achamos de interesse de todos torna-lo conhecido agora, para dar uma idéia mas acabada de sua organização.

Comissão Organizadora:  
Ana Maria Sigal  
Claudia Jorge Figaro  
Isabel Vilutis  
Tales AbSaber

## CURSO / I COLÓQUIO INTERNO DO CURSO DE PSICANÁLISE

**Dia 26/09/1998 – Sábado**

Mesa I - Clínica do narcisismo; vampirismo, regressão e psicose

Fátima Milnitzky - "Vampirismo como modalidade do narcisismo"

Marcella M. de Souza e Silva - "Regressão: breves considerações sobre o conceito e seu lugar na clínica"

Isó Gherman - "Psicose e Superego - aproximações"

Coordenação: Sérgio Destéfani Urquiza

Mesa II - Os analistas e suas interações frente à transferência

Patrícia Vianna Getlinger - "Transferência e gravidez do analista"

Ana Maria Amorim de Farias - "Algumas considerações sobre a transferência"

Luciana C. do Prado Roxas - "Interpretação e transferência: a atitude do analista pode ser facilitadora?"

Coordenação: Cláudia Jorge Figaro

Mesa III - A criação dos modelos epistemológicos freudianos

Cristina Cunha Hoff - "Sonho e sintoma"

Tales Ab'Saber - "A morte e o psicanalista"

Maria Beatriz Teixeira - "Pulsão de morte, um estudo"

Coordenação: Flávio Carvalho Ferraz

Mesa IV - A constituição do sujeito psíquico e a fundação do inconsciente

Maria Alessandra W. S. Rossine - "Emergência do sujeito psíquico"

Márcia Oliva Soléra - "Ana-Bele"

Ana Cristina Marzolla - "De uma impossibilidade metalógica à construção de um sintoma"

Coordenação: Ângela Pentecado

Mesa V - O saber das origens e a origem do saber

Jane Berger - "Na trilha de Freud para pensar o desejo de saber e suas inibições"

Paulo César Lopes - "O que sabe: Hans de Édipo?"

Paulo Sérgio B. Perez - "Édipo automático e desautomático"

Coordenação: Ana Maria Sigal

Mesa VI - A histeria é uma questão feminina?

Terezinha P. Gomes - "Se tomar mulher"

Cristina Pandjianjan - "Limites da histeria"

Coordenação: Sílvia Alonso

Mesa VII - Lembraços, repetimos, elaboramos...

Sérgio de Gouvêa Franco - "Uma leitura de Recordar, Repetir e Elaborar"

Veridiana Fraguas - "Quem conta um conto, aumenta um ponto - reflexões sobre a questão da memória e da história"

Coordenação: Sílvia Alonso

na clínica psicanalítica"

Ana Cláudia Patinucci - "A pulsão de morte no destino do homem ou um destino para a pulsão de morte"

Paulo Jeronimo P. de Carvalho - "Sobre o processo de elaboração psíquica"

Coordenação: Tales Ab'Saber

Mesa VIII - Reflexões sobre a prática psicanalítica contemporânea: abuso sexual, adoção, Aids e doenças psicossomáticas

Claudia J. Figaro - "A relação incestuosa - um tipo de escolha narcísica de objeto"

Maria Teresa G. Rebello - "Algumas reflexões sobre o Complexo de Édipo e as identificações nos casos de adoção"

Susana Gabriela C. Le Roux - "Algum mal estar..."

Sílvia Maria G. Sinisgalli - "Doenças psicossomáticas"

Coordenação: Isabel Vilutis

Comissão Organizadora:

Ana Maria Sigal, Isabel Vilutis, Tales Ab'Saber, Cláudia Jorge Figaro

## CURSO / I COLÓQUIO INTERNO DO CURSO DE PSICANÁLISE / DEPOIMENTO I

Particpei como ouvinte do I Colóquio de Monografias do curso de psicanálise e gostaria de parabenizar o Departamento e a Comissão organizadora por esta iniciativa tão bem realizada.

Tanto o aspecto quantitativo, pelo grande número de monografias inscritas, quanto o aspecto qualitativo, pela seriedade e conteúdo dos trabalhos apresentados demonstrou o acerto de um evento que contou com a participação ativa e interessada de todos presentes.

## CURSO / I COLÓQUIO INTERNO DO CURSO DE PSICANÁLISE / DEPOIMENTO II

A Cláudia Figaro (Sedes) pediu-me para escrever Algumas idéias sobre o Primeiro Colóquio, para ser publicado no Boletim. Particpei como ouvinte, e como tal, redigi minha impressão, a qual segue abaixo.

"Espaço para trocas"...Foi assim que pude escrever algumas idéias sobre o Primeiro Colóquio Interno de Psicanálise.

Foi um Sábado de trabalho e importantes trocas que promoveu algo de muita importância que foi o encontro o encontro entre alunos dos diversos anos de curso, inclusive ex-alunos, professores e membros do departamento. Nada mais pertinente e saudável para uma instituição que tem seu compromisso com a formação e com a produção de conhecimento do que a criação de um espaço que incentive a discussão de produções.

Trocas de conhecimento, de dúvidas, de produções e porque não dizer de angústias...

Tudo circulando ao mesmo tempo e o tempo todo, porém permeado com muito respeito e atenção de todos. Respeito daqueles que nos privilegiaram com suas produções; atenção daqueles que ouviam, discutiam, acrescentavam e aprendiam.

Nós alunos, o departamento e a instituição psicanalítica só temos a ganhar com esta iniciativa... é, as pessoas que trabalharam para que este evento se realizasse, só têm o que comemorar pelo bom resultado de seus trabalhos!

Verônica Mendes de Melo

Aluna do 4 ano

"Espaço" que estava nos faltando e que seja bem-vindo!!

Edilaine Maria  
Bronzeri Pugliese

## O FEMININO EM QUESTÃO

O seminário iniciado no Departamento de Psicanálise em março de 1997, por iniciativa de Sílvia Alonso, cujo tema é "O feminino no imaginário cultural de nosso tempo, efeitos nas formações clínicas", está finalizando seu segundo ano de existência. Este seminário, assim como outros em andamento, se inclui na nova modalidade de atividade criada nos últimos anos no Departamento. Este grupo conta atualmente com 17 participantes, alguns dos quais são de fora do Departamento. Sílvia Alonso é a coordenadora do grupo; a cada trimestre, porém, chamamos um convidado para a apresentação de um trabalho dentro da temática do grupo, enriquecendo o mesmo com sua contribuição. O grupo, mesmo tendo uma configuração estável, adota o princípio de manter um canal aberto de trocas com pessoas de fora, sejam estas convidadas, sejam colegas que participem eventualmente em algum momento do seminário.

A dinâmica do grupo se dá por um entrelaçamento de discussões teóricas e clínicas; estas são sempre enriquecidas pelo debate de produções culturais - com destaque para o cinema -, o que tem dado uma dimensão viva ao nosso objeto de estudo, necessariamente perpassado pela cultura e pelos fatos da vida contemporânea. Em nosso primeiro ano, trabalhamos mais longamente sobre certos textos de Freud e de alguns outros autores, escolhidos por proporem um diálogo com tais textos. Assim, vimos *O caso de homossexualidade feminina* (Freud, 1920), *O tabu da virgindade* (Freud, 1918), *Sexualidade feminina* (Mostapha Safouan) e *O engodo feminino do masoquismo onírico* (Claude Le Guen), publicado na Revista *Percurso*, além dos seguintes trabalhos dos convidados: *Hal Hartley e o realismo do invisível* (Sueli Rolnik) e comunicação de Miriam Chnaiderman, tratando respectivamente dos filmes "Confiança" e "Carlington". Iniciamos o nosso segundo ano retomando o texto de Claude Le Guen, para em seguida determo-nos nos três textos freudianos da década de vinte que tratam de Édipo e de sexualidade. Na sequência, nos dirigimos ao estudo de *As mulheres têm alma?* (Eugénie Lemoine-Luccioni), *Los pies de la ley en el deseo*

*minimo* (Émilce Dio-Bleichmar), *Filiação feminina e identidade sexual* (Annick Le Guen) e *Investigaciones sobre la feminidad* (Michèle Montrelay). Nesse contexto, convidamos no primeiro semestre de 1998 Renata Cromberg para apresentar o seu trabalho de pesquisa, que vinha de encontro ao tema do masoquismo, que estávamos trabalhando; no segundo semestre, recebemos como convidados os autores Annick Le Guen e Claude Le Guen, cujos textos tiveram um papel importante em nosso percurso de estudo.

É impossível reproduzir as ricas discussões que têm se dado ao longo dos seminários; ainda assim, procurarei apresentar brevemente algumas questões que têm estado muito presentes e que vão configurando um conjunto de preocupações e interesses comuns ao grupo.

Estamos no presente momento nos aproximando e envolvendo com uma polêmica desencadeada pelo texto de Dio-Bleichmar, analista e militante feminista. Esta fez uma crítica contundente à elaboração teórica laciana sobre o feminino, afirmando que esta promove uma manutenção da desigualdade através do conceito de diferença. A sua argumentação é bastante enfática e contagiante, o que tem suscitado muito debate.

Uma outra questão que também tem desencadeado muita discussão - e que, conforme temos observado, ressurge em muitos dos textos trabalhados - é a constatação de que vários autores parecem de uma visão ampliada do feminino, não restrita a uma referência exclusiva às mulheres, e terminam por, no final das contas, perder tal dimensão por recair em uma concepção restrita do mesmo. Como podemos nos descolar disso? Ou, se não, como nos deparamos com essa impossibilidade de tratar o tema do feminino para além do gênero?

Em certos momentos, nos perguntamos sobre os limites da psicanálise para abordar o tema do feminino. Essa questão surgiu ao constatarmos que o corpo teórico psicanalítico emerge da clínica e está bastante comprometido com uma perspectiva psicopatológica, de modo que, muitas vezes, sobrepõe o conceito de feminino à noção de histeria; o feminino não transbordaria os limites deste

referencial? Quais os limites daquilo que a psicanálise tem a dizer sobre o feminino? Esta questão propicia que estejamos alertas ao risco de aderirmos a teorizações que não fazem mais do que reforçar conteúdos ideológicos presentes na nossa cultura. Esta "derrapagem ideológica" é gritante, por exemplo, no mito da maternidade feliz e na suposição de que o desejo da mulher está inexoravelmente ligado e restrito à maternidade. Daí a importância de incluirmos como material de trabalho do grupo, além dos textos de psicanalistas, objetos e reflexões produzidos no mundo da cultura e, por decorrência, conectados com as contradições e os impasses de nosso tempo.

Nosso grupo foi se constituindo a partir do trabalho; o trabalho de leituras e discussões que têm nos impulsionado e estimulado a reformular nossos próprios referenciais, mas também o trabalho de elaboração das vivências, imagens e associações pessoais - seja como analistas, como mulheres ou como cidadãs - que emergem ao longo do mesmo. Afinal, como separar os aspectos intelectuais e pessoais envolvidos neste tipo de atividade? Temos tido a sorte, assim, de compartilhar a realização de um projeto - inicialmente proposto pela coordenadora, e progressivamente apropriado por todo o grupo - que tem sido muito fecundo e prazeroso para todos nós.

Aline E. Camargo Gurfinkel

## PRÊMIO

Em 1997 o Curso de Psicossomática do Instituto Sedes Sapientiae organizou um Simpósio de Psicossomática Psicanalítica que se desdobrou na publicação do livro *Psicossoma II - Psicossomática Psicanalítica* publicado pela Editora Casa do Psicólogo. Esta editora indicou o livro para concorrer ao Prêmio Jabuti de Ciências Naturais e Medicina. A premiação será anunciada em dezembro de 1998. A indicação ao prêmio já é por si só um importante reconhecimento.

## PSICANÁLISE E COMPLEXIDADE

O grupo Psicanálise e Complexidade coordenado por Alcimar de Souza Lima e formado por Adriana Fischer, Julia Catunda, Ligia Cardoso, Lilian Fogaça, M. Alipia Guimarães, M. Cecília Tivolone, M. Francisca Marinho Lutz e Patricia Madi participou do Congresso Inter-Latino do Pensamento Complexo, que se realizou na Universidade Cândido Mendes no Rio de Janeiro, de 8 a 11 de setembro de 1998.

O congresso teve como proposta uma reflexão conjunta, transdisciplinar sobre o modo de organização das idéias, a estrutura mental, a herança cultural e o futuro do Homem em nosso planeta.

Os trabalhos se desenvolveram em duas etapas: parte do dia foi reservado para apresentações em plenário e parte para a discussão de alguns trabalhos em grupos menores - as oficinas das diversas disciplinas. Psicanálise e Complexidade contou com uma oficina onde se reuniram também outros psicanalistas de São Paulo, Rio de Janeiro e São José dos Campos.

Em plenário tivemos a apresentação do trabalho teórico de Alcimar, que mostrou aos congressistas algumas das conexões entre a Psicanálise e o Pensamento Complexo. Na oficina, cujas atividades se estenderam por três dias, entre os trabalhos apresentados, contamos com trabalhos clínicos de Adriana Fischer e Patricia Madi.

No final do congresso as conclusões apresentadas pela nossa oficina foram as seguintes:

A partir das apresentações e discussões acontecidas na Oficina Psicanálise e Complexidade, ficou muito claro que a prática psicanalítica é a prática da complexidade.

Ao longo dos encontros onde vivemos momentos de trocas interessantes, com o constante aumento de participantes a cada dia, foi possível produzirmos. Nossa teoria e prática dialogaram sobre as conexões com o Pensamento Complexo.

Através das discussões clínicas mostramos que o sintoma psíquico é uma organização que pode desorganizar-se para reorganizar-se em outros níveis - da psicossomática (campo não representacional) até as expressões simbólicas.

A novidade da clínica pulsional é a possibilidade de incluir e vivenciar o acontecimento, o acaso, o caos através da transferência, propiciando a saída da repetição determinista fechada, para o acolhimento do novo (produção / criação), não deixando de lado as marcas das vivências ancestrais, infantis e atuais.

Os trabalhos teóricos mostram que os conceitos psicanalíticos de pulsão, narcisismo, mecanismos de defesa, associação livre e outros, podem se complementar, se confrontar ou se antagonizar com os conceitos de auto-eco-organiza-

ção, auto-cogito, auto-computo, entropia e neguentropia através do conceito de Paradigma na complexidade.

A Psicanálise é concomitantemente um método e uma técnica que nós psicanalistas utilizamos para estudarmos um Homem, que já Freud observava a partir de 5 registros: o natural, o biológico, o psicossomático, o do processo primário e o do processo secundário. Homem dotado de um aparelho psíquico que se configura como um sistema aberto, recebendo continuamente demandas internas e externas, procurando viabilizá-las.

Nossa escuta foi muito enriquecida nestes 100 anos com os estudos, observações e experiências de muitos psicanalistas, no mundo todo, que se associaram em Escolas, fundaram Linhas, desmancharam-nas, propuseram novas associações e dissociações.

Por fim a nossa prática, o nosso acolhimento àquele que nos procura e nos pede ajuda, é um abraço, um encontro de subjetividades, cada um com sua rede de vivências, afetos e intensidades, para entre tecermos novas malhas que permitam uma circulação mais livre e produtiva.

A Psicanálise sempre foi complexa e agora, como nos apontou Edgar Morin, deve estar aberta para a possibilidade da inter-fecundação.

Lilian Fogaça

## CONTOS

## INTRODUÇÃO

Tvemos o privilégio de receber de Darcy Daccache, em "uma das primeiras mãos", alguns contos infantis que vem escrevendo com Valéria Labraña. Enquanto esperamos seu lançamento em livro, nós do *Boletim* quisemos compartilhar com nossos colegas do Departamento o prazer de sua leitura.

Uma palavra das autoras:

Estos cuentos nacieron del encuentro entre una abogada chilena y ahora profesora de español y una psicanalista brasileña, ambas amantes de la literatura.

O tal vez se an responsabilidad de Mila y su idioma universal.....

## MILA

Siempre quise tener un perro, no me importaba si era grande o pequeño. Yo quería encontrar un perrito en alguna calle y llevarlo a mi casa. Pero no ocurrió así. La verdad es que fue un perro el que me encontró a mí. Tampoco fue un perro sino una perrita color miel, dulce y delicada. Si lo pienso bien, no podría decir si ella es grande o chica. A veces es grande y otras veces es pequeña, tan pequeña que parece que va a desaparecer detrás de una flor.

Pero hay algo más: Mila (así me dijo que se llama) ¡HABLA! Sí. Mila habla

en un perfecto español, claro y pronunciado. A veces hace algunas largas pausas y suspira, pero habla clarito clarito o por lo menos yo le entiendo todo; y yo sólo hablo español, aunque ahora me van a enseñar inglés en el colegio. Todavía no le he preguntado a Mila si ella también habla inglés.

Bueno... no crean que es tan simple así, Mila me ha dicho que ella sólo puede hablar cuando un niño pronuncia una cierta palabra mágica.

Te debes estar preguntando lo mismo que yo: ¿cuál es la palabra mágica?, yo no sé. Según Mila yo la he dicho varias veces e incluso la he dicho más de una vez en el mismo día.

Trato de recordar lo que he dicho antes de que ella comience con su español encantado, pero no recuerdo haber dicho nunca la misma cosa. A veces llamo a Mila, ella corre, como siempre, a mordirme los calcetines y yo le digo una por una las palabras que estoy anotando en un cuaderno al que he titulado "Las posibles palabras mágicas de Mila", repito y repito y ¡nada!. Otras veces me olvido del cuaderno y simplemente la llamo y le cuento de mis cosas, hasta que de repente ¡zas! ahí está ella, la muy mala, sonriéndome con sus ojitos amarillos: ¿ves que sabes la palabra mágica? Pero ¿cuál de todas?

Ahora no importa, ahora lo que importa es sentarse junto a Mila y escuchar, escuchar como esa vez.....

## UNA HISTORIA DE ABRIL

Mila y yo conversábamos siempre.

Una tarde, (¿o fue una mañana?), me contó una historia de amor y de celos, sí, porque eran esos nuestros temas. En aquel entonces hablábamos de sentimientos.

Empezó diciendo que tenía un amigo que se llamaba Boogie y que era muy celoso. Mila guardó silencio, creo que se puso un poco triste porque me dijo que hace ya mucho tiempo que no sabe de él, debo confesar que la nostalgia que ella sentía por su amigo también me puso un poquito celosa. La última vez que lo vio fue unos días después de esta historia de un lejano abril:

*Había una vez una niña rubia y soñadora que vivía con sus padres, sus hermanos, una mucama y un chofer en una hermosa casa blanca.*

Boogie también vivía en esa casa. Apareció un día cualquiera, le dieron comida y un lugar para dormir y se quedó. Todos eran buenos con él y sus días transcurrían plácidamente, bajo la sombra de los árboles en el verano o al lado del calor de la chimenea en el invierno, pero siempre junto a la niña rubia a quien quería mucho, porque era muy alegre y siempre estaba cantando. Cantaba las canciones de moda que la mucama escuchaba en la cocina y una que otra

que su madre le había enseñado junto a esa misma chimenea.

Ese abril la niña rubia cantaba sin descanso una bellísima canción que también sonaba mucho en la pequeña radio de la mucama, se llamaba. «La muñeca» y Boogie también cantaba con ella, pero en silencio, y a veces hasta imitaba el coro con un fuerte ladrido, pero la niña no se daba cuenta de sus intentos (ella no sabía la palabra mágica) y sólo reía y abrazaba a Boogie y eso era suficiente para él, porque nosotros no esperamos que la gente nos entienda, nos basta con que nos quieran y nos abracen.

Fue entonces que sucedió...

- ¿Qué sucedió? - le pregunté ansiosa.

Un día el chofer de la casa, que también quería mucho a la niña, le regaló para su cumpleaños un lindo papagayo e inmediatamente se transformó en el «regalón» de la familia y por eso le bautizaron con ese nombre.

El papagayo siempre fue motivo de inquietud para mi amigo. Regalón era lindo y travieso y le gustaba imitar a la gente, ¡hasta ladraba como Boogie!

¿Qué atrevido! - pensaba Boogie - ¡pajarraco tonto, ¡mira que andar imitándome! -. Pero no era eso lo que le molestaba, lo peor era cuando el papagayo cantaba, porque de tanto escuchar cantar y cantar a la niña rubia, también acabó aprendiendo la canción.

- ¿Y que pasó? -

Bueno... la niña rubia ahora tenía un compañero de canto y dejó de sentarse bajo los árboles con Boogie.

- ¡Pobre Boogie! ¿La niña ya no lo quería?

Claro que lo quería, ella adoraba a Boogie, pero el papagayo era tan bonito y tan gracioso que ella no podía evitar preferirlo como amigo de juegos. A veces somos así, nos olvidamos de quienes amamos, pero eso no significa que los queramos menos.

Pero Boogie pensaba que el papagayo era un pajarraco sinvergüenza; le había robado el corazón de su amiguita y por eso se volvió gruñón y malhumorado, en especial con el chofer, porque él era el culpable de todo.

- ¿Y con el papagayo? -

¡UH! a él no lo podía ni ver. Llegó a odiar la hermosa canción que hacía tan

poco era su preferida, y cuando pasaba cerca de la jaula donde el papagayo vivía, le mostraba los dientes en señal de enemistad y el papagayo, burlón, ladraba igualito que él y todos se reían de la gracia, todos, menos Boogie que se iba con la cola entre las piernas y la cabeza gacha rumiando:

- ¡Un día de éstos ese papagayo me las paga!

Una noche cálida de abril hace cien años....

- ¿CIEN años?

¡No me interrumpas! - Decía que una noche cálida de abril hace... algunos años, desapareció el papagayo misteriosamente. Nadie lo encontró, aunque lo buscaron infatigablemente.

Todas las sospechas, como era de suponerse, cayeron sobre Boogie, aunque nadie dijo nada. El chofer, en especial, nunca lo perdonó. Lo miraba con desconfianza y un día, aprovechando que estaban solos, le dio una patada y le dijo:

- ¡Perro malo! ¡abrir la jaula del papagayo! ¿cómo andará el pobrecito?

¡Pero si yo no fui!, ladró Boogie, aunque el chofer no podía entenderle.

Esa noche Boogie hizo guardia frente a la puerta de entrada de la casa, como acostumbraba hacer cuando no tenía sueño. Estaba pensativo y triste. Se sentía arrepentido por las amenazas que le había hecho al papagayo que, después de todo, no era un mal tipo. Pensó que hasta podrían haber llegado a ser amigos.

- ¡Qué malo es sentir celos! - pensó.

El alba encontró a mi amigo callado y sin hambre. No quiso tomar leche y le gustaba tanto tomar leche al desayuno. No podía soportar la rabia del chofer ni la desconfianza de todos. No podía soportar el silencio de la niña rubia que, desde el día en que el papagayo desapareció dejó de cantar. Entonces Boogie, sin decir nada, se fue.

- ¿Y después?

Unos días después encontré a Boogie en un camino que lleva a un pueblo vecino al de la casa blanca y me contó la historia que acabo de contarte.

¿Tú no le preguntaste si...?

Si fue él quien abrió la jaula? No, preferí no preguntarle pero creo que no. Pudo haber sido el propio papagayo. Una vez, pasando por un bar escuché esa misma canción, me acerqué a ver quién cantaba y

*era una papagayo. Creo que pudo ser nuestro papagayo de la historia, quién sabe si él tenía vocación de cantante y, simplemente partió en busca de su destino.*

Pero Boogie se sintió tan mal por la desconfianza de todos que acabó creyéndose culpable y eso fue una pena porque la niña rubia ahora a su perro hasta hoy.

¿Cómo lo sabes?

- Lo supongo - (Mila sonríe)

Las dos nos quedamos calladas, yo pensando en la triste historia de Boogie y el papagayo y en lo malo que es sentir celos, me preguntaba también qué habría sido de Boogie. Creo que Mila estaba pensando lo mismo, pero eso ya no me puso celosa. De pronto escuchamos a lo lejos:

¡UAU! ¡UAU!

Mila comenzó a correr gritando:

¡Boogie! ¡Boogie!

Yo corrí también y nos encontramos los tres. Mila y Boogie se lamieron y se olieron como todos los perros y luego Boogie, muy educado, levantó una pata y me dijo:

- Buenos días señorita, ¿sabe usted cantar?

gros. Ella, cada día, recibía la mirada triunfal de otra muñeca que salía feliz de la juguetería y que le decía: ¿ves? me han elegido a mí y no a ti.

El dueño de la juguetería acabó olvidando a su muñeca de lujo que terminó ocupando un lugar cualquiera de la juguetería. Claro que las vendedoras la limpiaban y la peinaban todos los días y desde ese lugar podía ver a las personas que caminaban por la calle y los automóviles que pasaban a toda velocidad por la calle. Pero un lugar no es un hogar. Y ella quería un hogar. Sus hermosos ojos negros se fueron poniendo cada vez más y más tristes.

Un día (a veces hasta sólo un día), cambió la suerte de la muñeca triste.

¿Qué sucedió? le pregunté entusiasmada. Yo quería saberlo todo en un segundo, pero he aprendido que todas las cosas tienen su tiempo. Mila sabe muy bien eso: movió el rabo, se rascó una oreja, dio un suspiro y sólo entonces me contestó:

- ¿Recuerdas a la niña rubia? -

- ¡Claro!, la que vivía en la hermosa casa blanca!

Bueno... sucedió que la niña rubia estaba de cumpleaños. Su mamá le había prometido que le regalaría el juguete que ella quisiese. La niña pidió una muñeca, aunque en el fondo lo que ella más quería era una amiga. Así que partieron muy divertidas en el coche azul, que conducía el chófer.

Cuando la muñeca vio desde su rincón el coche azul que se estaba estacionando en frente de la juguetería sintió un golpecito en su pecho de loza, (casi parecía un latido de corazón). Y cuando la niña rubia entró en la juguetería junto a su madre, supo que ella sería la elegida.

Y así fue, la niña rubia en cuanto vio a la muñeca supo que era a ella a quien buscaba, apretó con su manita la mano de su madre que le sonrió, y pidió a la vendedora que se la envolviese en el papel más hermoso que tuviesen, pero la niña rubia le dijo: no, mamá yo la quiero llevar en mi regazo.

Al salir la muñeca no se despidió de las demás, sabía que no le desearían suerte.

Entraron las tres en el auto, donde los esperaba el chófer y partieron, la muñeca y la niña rubia, una en el regazo de la otra, rumbo a la hermosa casa blanca. Al llegar, la niña rubia corrió a mostrarle la muñeca a su papá quien la besó muy content

. Desde entonces los días fueron m y felices para la muñeca, pues la niña rubia siempre jugaba con ella y cuando la invitaba a pasear le ponía un vestido blanco de fies a igual al que ella llevaba puesto cuando iba a pasear con su mamá.

Una tarde cuando ellas jugaban cerca de la biblioteca la muñeca vio un libro. La niña rubia, que era muy distraída, se fue a dormir y la dejó allí, sin darse cuenta.

La muñeca, al verse sola abrió el libro. Sus ojos luminosos pasaron por las líneas de la historia y al anochecer la muñeca había terminado de leer todo el libro. ¡Su emoción era tan grande que continuó leyendo todos los libros que estaban a su alcance y, antes de que la niña despertara, ya había leído la Bella Durmiente, Pinoc, Blanca Nieves, La Cenicienta. Y mientras leía, soñaba que era ella la protagonista de las historias: era ella quien, adormecida esperaba al apuesto príncipe que la iba a despertar con un beso de amor, era ella (quién sino) ese muñequito de madera travieso al que le crecía la nariz, y era ella también la que tenía un par de hermanastras malas y envidiosas, como las muñecas de la juguetería.

Y así fue que entre libro y libro y entre sueño y sueño y casi sin darse cuenta su piel de loza cobró calor y vida. Sus grandes ojos negros ahora tenían un brillo distinto al del cristal.

Ya amanecía, la muñeca se levantó del rincón en donde la niña la había dejado el día anterior. Comenzó a caminar por la casa. Nadie había despertado aún y no se escuchaba un sólo ruido. De pronto sintió hambre. Fue hasta la cocina (todo le parecía novedad) en donde descubrió el sabor de las manzanas. Escuchó a los pájaros cantar y salió al jardín, allí descubrió también el suave aroma de las flores.

Cuando la casa comenzó a despertar, ella estaba muy cansada. Volvió a su camita de juguete y durmió durante todo el día. Despertó de noche y fue caminando despacito hasta la biblioteca en donde continuó leyendo más y más libros.

Y así fueron pasando los días y las noches, que eran las más esperadas por la muñeca.

¿Nadie se dio cuenta de lo que pasaba? Le pregunté a Mila.

Creo que no - me contestó - porque los días eran sus noches y las noches eran

## LA MUÑECA QUE SABÍA LEER

Había una vez una muñeca de loza que vivía dentro de una caja dorada en una pequeña juguetería. La muñeca era hermosa y delicada. Sus ojos eran grandes y negros y, si los mirabas con atención, parecían tener vida. Tanta belleza tenía un precio alto: era la más cara de toda la juguetería y también la más envidiada por las demás muñecas. Cuando el dueño de la juguetería la compró a un anciano señor muy ceremonioso y enigmático, pensó: esta bella muñeca vale mucho y la venderé en un santiamén.

Pero no sucedió así. Pasaron, Navidades, cumpleaños, día del niño y nada. Las otras muñecas más toscas y feas siempre eran preferidas, no por las niñas, sino por los padres, al final sólo eran un juguete más, para qué pagar un precio absurdo!

Y fue pasando el tiempo. Todos los días alguna de las muñecas era retirada del aparador. La elegida, antes de ser envuelta en papel de regalo, se despedía de las otras con el dulce sonido de las palabras mágicas. De todas, menos de la muñeca de los ojos ne-

sus días, así que nunca nadie la encontró. Además se estaba acercando el día en que la niña rubia cumpliría años (ya había pasado casi un año!) y todo el mundo andaba ansioso y distraído, en especial ella.

Y empezaron los preparativos para la fiesta. La mamá de la niña rubia le había prometido una gran sorpresa para este año y la niña estaba muy curiosa, ¿que podría ser? Su mamá había preferido no preguntarle que era lo que deseaba de regalo porque ella sabía que su hija quería tener una amiga y una amiga no se compra en una juguetería. En cambio, para esta ocasión le había preparado una divertida sorpresa: un circo de marionetas que mantenía oculto en el jardín.

La niña sabía que sus padres le estaban preparando algo porque los había visto hablar bajito y reírse, pero nadie le decía nada.

En la víspera apenas podía aguantar la curiosidad y por eso durmió poco.

Despertó muy temprano, contentísima, porque al fin había llegado el día.

Se levantó rápidamente y fue corriendo al armario a buscar su vestido blanco de fiesta y el de la muñeca, porque también debía vestirla a ella. Pero cuál no sería su sorpresa al abrir el armario y ver que sólo estaba su vestido. ¡El vestido blanco de la muñeca había desaparecido!

Entonces fue a buscar a la muñeca, tal vez la mucama ya la había vestido pero

¡tampoco estaba la muñeca!, ¡qué cosa extraña! y pensó que hacía días que no jugaban juntas, con la emoción de la fiesta....

Se vistió y se miró en el espejo, ¡estaba hecha toda una princesa!. Pero su muñeca la inquietaba y fue a preguntarle a su papá, que estaba leyendo el diario, si la había visto por ahí.

Como su papá tampoco sabía dónde estaba, comenzó a recorrer la casa inútilmente, la muñeca había desaparecido.

Y así pasó toda la mañana. Almorzaron todos juntos, pero alguien faltaba y la niña lo sabía.

Y llegó la hora de la fiesta, de pronto la niña rubia escuchó la voz de su mamá desde la cocina. La estaba llamando. Ella corrió pero no alcanzó a preguntarle por la muñeca porque su mamá la abrazó y le dijo:

Llegó la hora de que veas tu sorpresa, todo el mundo nos espera en el jardín.

La niña abrió la puerta que daba al jardín. Se asomó y dio un grito de alegría. ¡Mamá! ¿era eso?

De entre la gente una niña de ojos negros y vestido blanco caminaba sonriendo en dirección a ellas. la niña rubia tomó la mano de su mamá y salió corriendo con ella. Había reconocido de inmediato que aquella niña de ojos negros de ahora era su muñeca de antes.

La madre, aún más sorprendida que su hija no sabía qué decir. En ese momen-

to la niña de ojos negros la miró y le preguntó:

¿Me reconoce?

Por supuesto que reconocía esos mismos ojos negros de la muñeca que ella, un año antes le había regalado a su hija. Su sorpresa era tan grande que lo único que pudo decir fue:

¿Cómo te llamas?

Milagros

Estoy encantada de que estés aquí y supongo que mi hija también ¿no?

Y luego tomó a cada una de la mano y caminó en dirección al teatro de marionetas donde ya las esperaba el papá, mientras pensaba - yo que preparé una sorpresa soy la más sorprendida. ¡Este sí que ha sido un día de sorpresas!

Al llegar donde las esperaba el papá, ambas le presentaron a la nueva amiga.

Papá: ésta es Milagros.

Encantado señorita, tome asiento. la función va a comenzar

Se abrió el telón y un muñeco con aspecto de anciano y con un aire serio y misterioso se dirigió al público: -Señoras y señores... presten mucha atención a la hermosa historia que les voy a contar:

Había una vez una muñeca de loza que vivía en una caja dorada....

A lo lejos, en un rincón del jardín, un misterioso anciano les miraba, sonriendo.

Darcy Daccache

## CRÓNICAS

### A CRIANÇA DO ANO 2000

A criança do ano 2000 terá, sim plesmente, 1 ano e 3 meses a mais do que tem hoje. Dito isto, retiramos do tema toda a sua carga de ilusão mas, por outro lado, tomamos mais passível de análise as perspectivas de um futuro que, ao se tomar tão próximo, deixa de ser irrepresentável.

No entanto, isto não é verdade! O futuro é sempre imprevisível e a ilusão faz parte de nossa vida psíquica. Assim, o tema insiste e nos chama a falar sobre ele. A criança do ano 2000 não terá apenas 1 ano e 3 meses a mais, será a criança do próximo milênio.

Será banhada por todas as ilusões que os pais e a cultura depositam na mudança do milênio - algo mágico e absolutamente disruptivo. Como quando nasce um bebê e para ele vemos abertos todos os caminhos (não é à toa que o símbolo do ano novo é um bebê; o do século XXI será um bebê fantástico). Mas, estará imersa também em todo negativismo, desilusão e apatia que marca este final de século. As alianças resultantes dessas duas tendências são uma incógnita.

Imaginamos que terá uma vida mais longa, se não for dizimada pela violência crescente de nossos tempos.

Terá à sua disposição um vasto campo de informações, se for alfabetizada e tiver acesso à tecnologia de ponta. Poderá

encontrar no mundo das artes - que, com certeza estará mais socializado - um lugar de expressão, de criatividade e de reconhecimento.

Navegará pelo mundo - presa em seu apartamento, se tiver onde morar.

Será menos criança porque terá muitas atividades a cumprir e pouco tempo para brincar ou porque terá que trabalhar para sobreviver.

Continuará tendo estatutos diferentes dependendo do meio em que nasceu.

Mas, fundamentalmente, se tiver sorte, encontrará adultos suficientemente maduros que sustentarão, com afeto, o seu direito legítimo de ser criança.

Maria Laurinda R. Souza

EDITORIAL	p.1
SEDES	
INFORME PARA O BOLETIM	p.1
HOME PAGE SEDES SAPIENTIAE	p.2
PONTO DE VISTA	p.3
COMISSÃO COORDENADORA GERAL	
INFORME SOBRE A SITUAÇÃO DA ADMINISTRAÇÃO FINANCEIRA DO DEPARTAMENTO	p.3
ASSEMBLÉIA 28/NOVEMBRO/1998	p.3
INFORME DA ASSEMBLÉIA DE 28 DE NOVEMBRO DE 1998	p.3
COMISSÃO DE ADMISSÃO	p.6
DOS SETORES	
GRUPO DE ESTUDOS/O QUE NOS MOVE?	p.7
PUBLICAÇÕES PERCURSO/LANÇAMENTO DO Nº20 DA REVISTA PERCURSO	p.8
PUBLICAÇÕES PERCURSO / PERCURSO É NOME PRÓPRIO	p.9
PUBLICAÇÕES PERCURSO / PERCURSO DEZ ANOS	p.9
PUBLICAÇÕES PERCURSO / DEZ ANOS	p.10
PUBLICAÇÕES PERCURSO / DEZ ANOS DE PERCURSO	p.11
PUBLICAÇÕES PERCURSO / COLABORAR COM PERCURSO	p.16
CURSO / I COLÓQUIO INTERNO DO CURSO DE PSICANALISE	p.17
SEMINARIOS : O FEMININO EM QUESTÃO	p.19
REPORTAGEM : PSICANALISE E COMPLEXIDADE	p.20
CONTOS	p.20
CRÔNICAS	p.23

ALUGA-SE SALA

Excelente localização, fácil estacionamento,  
sala espaçosa

LOCAL: Rua Honduras, 305

Falar com: Cleide Monteiro, Maria Daweik  
Rúbia De Lorenzo

TELEFONE: 88 / 3557

**Conselho Editorial:** Anna Correia, Camila Salles Gonçalves, Eva Wongtschowski, Henriette Abramides Bucarechi,  
Maria de Lourdes Caleiro Costa

**Editoração Eletrônica:** Wilson Montiel, tel: 816-1137

**Impressão:** Grafica Estampato tel: 826-5977

**Tiragem:** 400 exemplares